

Marcelo Salles Olinger

**PREDIÇÃO DE CONFORTO TÉRMICO EM ESCRITÓRIOS
VENTILADOS NATURALMENTE POR MEIO DE REDES NEURAIS
ARTIFICIAIS**

Dissertação submetida ao Programa
de Pós-Graduação em Engenharia
Civil da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do
Grau de Mestre em Engenharia de
Engenharia Civil.

Orientador: Profa. Ana Paula Melo, Dra.
Coorientador: Prof. Roberto Lamberts, Phd.

Florianópolis

2019

LISTA DE FIGURAS

2.1	Relação entre nós e ligações do AFN.	16
2.2	Fenômenos considerado pelo EnergyPlus ao modelar fluxo de ar através de grandes aberturas.	22
3.1	Temperaturas externas da cidade de São Paulo, e limites superiores de aceitabilidade	40
3.2	Croqui da tipologia base	42
3.3	Exemplo de como os Cp's foram considerados	44
3.4	Parede equivalente	47
3.5	Modelo de uma zona	48
3.6	Modelagem com parede adiabática e <i>outdoors</i>	49
3.7	Rede de fluxo de ar na simulação referência	50
3.8	Rede de fluxo de ar na simulação simplificada	51
3.9	Solução para infiltração de ar entre a zona e a circulação	53
4.1	Distribuições de ocorrência	57
4.2	Comparação entre os valores de Cp das 25 geometrias	61
4.3	Comparação entre os valores de Cp da geometria de proporções 2:1:2	62
4.4	Comparação entre as médias anuais do ACH	63
4.5	Comparação entre as médias das temperaturas operativas	64
4.6	Comparação entre os resultados de EHF	64
4.7	Comparação entre os resultados de EHF para a parede de gesso com isolamento	65
4.8	Comparação entre os resultados de EHF para a parede de alvenaria com capacidade térmica total	66
4.9	Comparação entre os resultados de EHF para a parede de alvenaria com metade da capacidade térmica	66
4.10	Comparação entre os resultados de EHF para parede <i>Outdoors</i>	67
4.11	Comparação entre os resultados de EHF para parede adi- abática	68
4.12	Eficiência de Pareto entre EHF e ACH médio	69
4.13	AS de Sobol dos efeitos de primeira ordem e efeitos to- tais nas médias anuais de ACH	70
4.14	AS de Sobol dos efeitos de primeira ordem e efeitos to- tais nas temperaturas operativas	71
4.15	AS de Sobol dos efeitos de primeira ordem e efeitos to- tais no EHF	71
4.16	Condição de exposição das paredes e janelas.	75
4.17	Condição de exposição das paredes e janelas.	76

4.18 Condição de exposição das paredes e janelas.	77
---	----

LISTA DE TABELAS

2.1	Coeficientes do perfil de velocidade do vento.	17
2.2	Fatores que afetam o C_p e simplificações comuns.	18
3.1	Parâmetros com valores constantes.	38
3.2	Limites mínimos e máximos de valores dos parâmetros variáveis não disponíveis no banco de dados.	39
3.3	Aumento no limite superior da faixa de conforto em relação à velocidade do ar.	41
4.1	Limites mínimos e máximos dos parâmetros	60
4.2	Parâmetros com valores constantes.	73

SUMÁRIO

1	Introdução	9
1.1	Objetivos	11
1.1.1	Objetivo geral	11
1.1.2	Objetivos específicos	11
2	Revisão de literatura	13
2.1	Ventilação natural	13
2.2	Conforto Térmico	25
2.3	Ventilação natural em edifícios de escritórios	27
2.4	Análise de sensibilidade	33
2.5	Metamodelos de eficiência energética e desempenho térmico em edificações	34
3	Metodologia	37
3.1	Definição dos parâmetros de entrada e saída	37
3.1.1	Parâmetros de entrada	37
3.1.2	Parâmetro de saída	39
3.2	Simulação termoeenergética	41
3.2.1	Simulação detalhada	41
3.2.2	Simulação simplificada	43
3.3	Análise de sensibilidade	54
3.4	Desenvolvimento do metamodelo	54
4	Resultados e Discussões	57
4.1	Parâmetros de entrada	57
4.2	Simulações simplificadas	60
4.2.1	Cálculo do coeficiente de pressão pelo método analítico	60
4.2.2	Representação da envoltória com duas camadas	65
4.2.3	Condição de contorno das paredes adjacentes à edificação	67
4.2.4	Modelagem da ventilação natural na simulação simplificada	68
4.2.5	Análise de sensibilidade	69
4.2.6	Desenvolvimento do metamodelo	74
5	Conclusões	79
5.1	Limitações e justificativas	79
5.2	Sugestões para trabalhos futuros	79

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Agência Internacional de Energia (IEA) (IEA, 2018), o consumo de energia elétrica global destinado ao resfriamento de edificações em 2016 foi de 2.020 TWh/ano, correspondendo a quase um quinto do consumo total no setor. A demanda por energia destinada ao resfriamento de ar em edificações mais que triplicou do ano de 1990 a 2016 e, se não houver mudanças no cenário atual, estima-se que essa demanda mais que triplicará até o ano de 2050, representando 37% do aumento no consumo de eletricidade em edificações. Isso corresponderá a 11,5% do consumo de energia total em edificações comerciais. O relatório da IEA mostra que esse cenário de aumento na demanda de energia é ainda mais impactante em países em desenvolvimento de clima quente. Apenas 8% das 2,8 bilhões de pessoas que vivem nas partes mais quentes do mundo hoje possui condicionamento de ar para resfriamento. No caso Brasil, a parcela do resfriamento de ar nas cargas de pico das redes elétricas em 2016 correspondia a 7,6% do total. A estimativa considerando-se o crescimento econômico e populacional, é de que essa parcela possa representar 30,8% da carga de pico até o ano de 2050, se nenhuma medida for tomada para a mitigação do problema. O aumento na demanda por energia é fundamental para o desenvolvimento econômico, porém pode causar grandes impactos ambientais, como poluição, alterações climáticas e esgotamento dos recursos naturais. Para garantir a melhora na qualidade de vida de forma sustentável, busca-se políticas de incentivo à eficiência energética. No Brasil, desde 2009 o INMETRO possui um programa de etiquetagem de edificações voltado para padrões de eficiência energética de edificações (BRASIL, 2009).

A redução dos impactos ambientais relacionados ao resfriamento de edificações pode ser alcançada através da geração de energia proveniente de fontes renováveis, do desenvolvimento de equipamentos com maior eficiência energética, ou pela busca de soluções passivas. O resfriamento passivo é um conjunto de técnicas sustentáveis para resfriar edifícios por meios naturais (SAMANI et al., 2016). Consiste em qualquer sistema que busca minimizar, ou eliminar se possível, o uso de sistemas de condicionamento de ar, com o objetivo de reduzir as altas temperaturas internas e o consumo de energia para resfriamento, proporcionando conforto térmico para os ocupantes.

Uma das técnicas de resfriamento passivo é a ventilação natural (VN). A VN como estratégia para resfriamento de edificações é um dos componentes fundamentais no projeto de edifícios ener-

geticamente eficientes. Técnicas de VN são encontradas ao longo de toda a história na arquitetura vernacular (PESIC et al., 2018), e hoje vêm sendo atualizadas de acordo com novos estudos no campo de conforto térmico e projetos sustentáveis de edificações. Além de assegurar a qualidade do ar, a VN promove o resfriamento da edificação, proporcionando conforto térmico aos usuários quando as condições do clima externo são favoráveis (YAO et al., 2009).

Para que o conforto térmico dos usuários seja garantido sem um consumo significativo de energia, é importante entender como ocorrem as variações térmicas em um edifício antes de construí-lo. Análises durante os estágios iniciais de projeto de uma edificação com VN podem apontar decisões fundamentais para o desempenho térmico. No estágio inicial de projeto, o potencial de otimização é maior e nesta etapa qualquer estimativa da influência dos ocupantes no conforto e desempenho energético da edificação pode refletir nas tomadas de decisão (BELLERI et al., 2014; ROETZEL et al., 2014).

Atualmente, a forma mais avançada de predição do desempenho energético de edificações é a simulação computacional. No entanto, esse processo pode exigir o conhecimento técnico de um especialista. Simulações energéticas dinâmicas requerem modelos detalhados e enfrentam diversos problemas, associados principalmente a informações necessárias para dados de entrada do modelo processado (CORGNATI et al., 2013). Uma alternativa para contornar essas questões, facilitando o uso dessa ferramenta por arquitetos e projetistas, é o desenvolvimento de metamodelos. Metamodelos são modelos gerados a partir de simulações computacionais, através dos quais é possível se obter resultados próximos aos de simulações de desempenho energético complexas.

Metamodelos para eficiência energética de edificações podem ser desenvolvidos a partir de diferentes métodos (ØSTERGÅRD et al., 2018). A solução mais apropriada depende do contexto e propósitos de cada aplicação. Versage (VERSAGE, 2015) foi capaz de estimar as cargas térmicas de edificações comerciais através de diferentes métodos de metamodelagem. Melo et al. (MELO et al., 2016) desenvolveram um modelo de redes neurais artificiais (ANN) para estimar graus hora de resfriamento e cargas térmicas de aquecimento e resfriamento em edificações residenciais. O desenvolvimento de um metamodelo de máquina de vetores de suporte capaz de estimar conforto térmico em edificações comerciais foi proposto por Rackes et al. (RACKES et al., 2016). Voltado principalmente a tipologias de escolas, o metamodelo estima a fração de horas em desconforto por

calor dos ocupantes ao longo do ano.

A VN em edificações apresenta comportamentos complexos e a avaliação do seu potencial de resfriamento faz-se necessária desde a fase inicial de projeto. Possibilitar esse tipo de análise de forma simples e rápida pode ser fundamental nas tomadas de decisão em projetos de edificações e na aplicação de políticas públicas voltadas à eficiência energética. Por meio de ferramentas de aprendizagem automática, surge a oportunidade de se desenvolver metamodelos capazes de obter resultados de conforto térmico em edificações.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

O objetivo deste estudo é desenvolver um metamodelo capaz de estimar o conforto térmico em edifícios de escritórios ventilados naturalmente.

1.1.2 Objetivos específicos

Dentre os objetivos específicos deste trabalho, destacam-se:

- Identificar o universo de possíveis características encontradas em edifícios de escritórios ventilados naturalmente na cidade de São Paulo;
- Definir as variáveis com maior e menor influência no desempenho térmico dos edifícios ventilados naturalmente;
- Desenvolver um modelo de simulação termoenergética simplificado, com apenas uma zona térmica, capaz de representar as trocas térmicas de uma sala em um edifício de escritórios.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 VENTILAÇÃO NATURAL

A ventilação natural (VN) ocorre quando diferenças de pressão geradas pelo vento ou por forças de empuxo agem em uma ou mais aberturas da envoltória de uma edificação (Carrilho da Graça; LINDEN, 2016). Um sistema de VN pode ser caracterizado pela estratégia de ventilação, locação das aberturas e suas áreas. Carrilho da Graça e Linden (2016) comentam que, apesar de muitos regulamentos exigirem uma área mínima de ventilação, tipicamente definida em função da área de piso, essas exigências se baseiam em grandes simplificações. A área de abertura ideal depende da estratégia de ventilação (unilateral ou cruzada), do clima e dos objetivos relacionados ao período de uso da VN.

A VN pode ser aplicada por meio de grelhas, sistemas de dutos, ou simplesmente grandes aberturas, como janelas ou portas. No caso de grandes aberturas, duas configurações podem ser consideradas: ventilação cruzada, ou ventilação unilateral. Na estratégia ventilação unilateral, a turbulência do vento e as variações nos gradientes de pressão induzidos por rajadas podem afetar fortemente o fluxo de ar nas aberturas. Como esses parâmetros não são estáveis, é mais complicado avaliar a ventilação unilateral em relação à ventilação cruzada (FREIRE et al., 2013). Carrilho da Graça e Linden (2016) apontam que para otimização da VN unilateral em edificações pequenas ou médias, para a mesma área total de abertura, duas ou mais aberturas são mais eficientes do que apenas uma, sendo que aberturas espaçadas funcionam melhor do que próximas. Além das diferentes estratégias relacionadas à configuração das aberturas na edificação, há também diferentes abordagens quanto aos períodos de funcionamento. Algumas edificações podem permitir o uso da VN durante o dia, enquanto outras também permitem o uso de VN noturna. Há também casos em que a VN é exclusivamente noturna, e durante o dia utiliza-se sistemas de condicionamento de ar (PESIC et al., 2018).

O mecanismo de ventilação natural noturna é baseado na transferência de calor por convecção da estrutura exposta do edifício para o fluxo de ar frio da noite (momento em que a diferença entre a temperatura do ar interno e externo é maior) (BREESCH; JANSSENS, 2010). Durante o dia, a massa térmica da edificação é utilizada para acumular os ganhos de calor internos e do sol, e prevenir condições desconfortáveis durante as horas de operação da edificação. Isso leva a três consequências: para garantir o funciona-

mento, o calor deve ser armazenado na estrutura da edificação, e é necessário garantir uma ponte para que haja a transferência de calor para/da estrutura; a ventilação noturna é mais apropriada para climas moderados e frios, com maiores diferenças diárias de temperatura ao longo do dia; como essa tecnologia utiliza apenas calor sensível, é menos aplicável em climas quentes e úmidos.

Prover, efetivamente, VN em edifícios pode economizar energia e custo em comparação à ventilação mecânica devido à baixa manutenção e custo zero de operação (OMRANI et al., 2017). O desempenho da VN é medido, primariamente, através de parâmetros de dinâmica dos fluidos, como padrão do fluxo de ar, velocidade média, taxa de fluxo de ar, distribuição de pressão, renovações de ar, fluxo volumétrico e outras qualidades que podem ser derivadas desses parâmetros. Esses elementos do fluxo também podem ser usados para determinar características mais amplas do ambiente interno de edificações, como a qualidade do ar e o conforto térmico. Há diferentes métodos de avaliação de desempenho de VN, cada um com suas vantagens e limitações. O método escolhido deve ser o mais apropriado, baseado nos recursos, exigências e estágio do projeto.

Estimar o desempenho da VN no projeto da edificação envolve a consideração de fenômenos físicos complexos, o que pode ser dificultoso. Para a simulação computacional, há duas principais formas de descrever a ventilação natural: *Computer Fluid Dynamics* (CFD) e *Airflow Network* (AFN). O CFD utiliza equações de Navier-Stokes para resolver diretamente o problema do fluxo de ar através das propriedades da dinâmica dos fluidos (ARENDT et al., 2017). Apesar do grande custo computacional, o CFD disponibiliza informações detalhadas sobre a distribuição da velocidade do ar, temperatura, pressão e concentração de partículas na área analisada. No entanto, bons resultados com o uso dessa ferramenta dependem da qualidade da grade adotada, da aplicação correta das condições de contorno, e da aplicação correta das diversas suposições tomadas ao adotar-se modelo.

O AFN funciona a partir de uma rede de nós, análoga a um circuito elétrico. A cada zona térmica da edificação é atribuído um nó, e os caminhos do fluxo recebem uma resistência equivalente para cada ligação entre as zonas. Condições dentro da zona, como velocidade do ar, temperatura, umidade são então computadas com base nas diferenças de pressão entre as zonas definidas e são comumente resolvidas em condições estacionárias (OMRANI et al., 2017). O uso de modelos multi-zona exige a suposição de que o ar dentro de cada

zona é homogêneo, com temperatura, velocidade, concentração de contaminantes e umidade relativa uniformes. Modelos multi-zona são úteis na predição do desempenho de VN do edifício, por prover resultados robustos. Porém, não podem prover informações detalhadas sobre o comportamento do ar dentro da zona. Apesar de ser uma abordagem muito mais simplificada, o AFN é muito utilizado em razão da facilidade de aplicação e por ter um custo computacional muito mais baixo, quando comparado ao CFD. Ferramentas de simulação computacional, como o programa EnergyPlus, podem integrar o modelo térmico de um edifício com um modelo AFN (BELLERI et al., 2014).

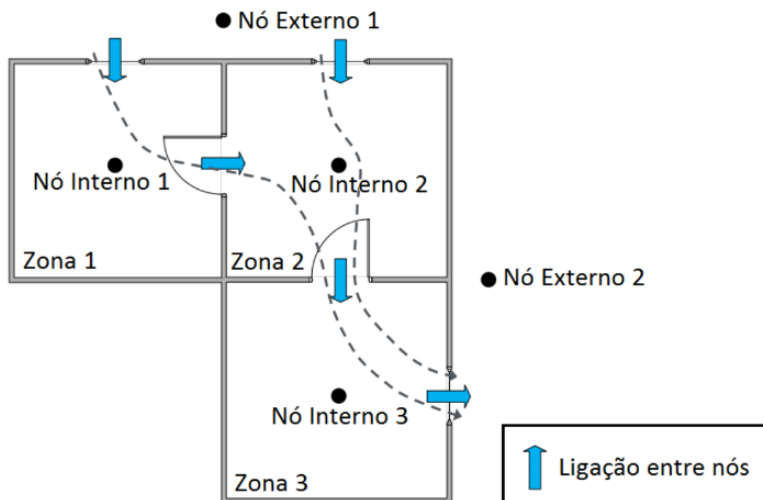
O modelo de pressão e fluxo de ar utilizado pelo EnergyPlus (DOE, 2018) foi desenvolvido baseado no modelo AIRNET (WALTON, 1989). Os cálculos de fluxo de ar multi-zona são realizados no timestep do sistema HVAC (*Heating, Ventilation and Air-Conditioning*). O modelo de rede de fluxo de ar consiste em três passos sequenciais:

- 1- cálculos de pressão e fluxo de ar;
- 2- cálculos de temperatura e umidade no nó;
- 3- cálculos de carga sensível e latente.

Os cálculos de pressão e fluxo de ar determinam, a partir das pressões de vento e fluxos de ar forçados, a pressão em cada nó e o fluxo de ar através de cada ligação. Baseando-se no fluxo de ar calculado para cada ligação, o modelo calcula as temperaturas e umidades relativas em cada nó a partir das temperaturas e umidades relativas das zonas. Utilizando as temperaturas e umidades relativas calculadas, as cargas latentes e sensíveis conduzidas pelos sistemas de fluxo forçado e das infiltrações são somadas em cada zona. As cargas latentes e sensíveis obtidas nessa etapa são utilizadas então nas equações de balanço energético das zonas para prever possíveis cargas relacionadas ao sistema HVAC e calcular as temperaturas do ar, umidades relativas e pressões finais da zona.

Uma ligação utilizada no modelo do AFN tem dois nós, um de entrada e um de saída, e possui um componente que determina a relação entre o fluxo de ar e a pressão. A diferença de pressão entre cada componente em uma ligação é calculada pela equação de Bernoulli (WALTON, 1989). Cada nó é atribuído a uma zona e cada ligação corresponde a um elemento de resistência entre os nós, que pode representar uma abertura, ou uma superfície com frestas. A Figura 2.1 representa uma rede de fluxo de ar, com um nó externo pro fachada, e zonas internas ligadas por portas. As setas representam a direção do fluxo de ar para uma condição estacionária em que a

Figura 2.1: Relação entre nós e ligações do AFN.



Fonte: adaptado de DOE (2018).

pressão no Nó Externo 1 é maior do que a pressão no Nó Externo 2.

A velocidade na qual se considera que o vento atinge a edificação modelada é obtida a partir do arquivo climático utilizado na simulação computacional. A partir das medições de velocidade do vento na estação meteorológica, extrapola-se os valores para outras altitudes e perfis de terreno. Essa consideração em relação à velocidade do vento é baseada no *Handbook of Fundamentals* da ASHRAE (2005). Os coeficientes do perfil de velocidade do vento são variáveis que dependem das características de rugosidade do terreno no entorno. Os valores típicos são apresentados na Tabela 2.1.

Os valores padrão para α_{met} e δ_{met} , a partir dos quais se estima a velocidade do vento, são 0,14 e 270 m, respectivamente. Isso se deve ao fato de que estações meteorológicas são tipicamente estabelecidas em terrenos de categoria 3. A altura padrão é 10 m.

Ao definir a velocidade do vento, o programa EnergyPlus calcula a pressão do vento sobre as edificações, determinada também pelo princípio da equação de Bernoulli (WALTON, 1989).

Tabela 2.1: Coeficientes do perfil de velocidade do vento.

Categoria do terreno	Descrição do terreno	Expoente, α	Espessura da camada limite, δ (m)
1	Grandes centros urbanos nos quais pelo menos 50% das edificações são maiores que 21 m.	0,33	460
2	Terreno urbano, subúrbio, áreas com árvores, áreas com espaçamento entre obstruções do tamanho ou maiores do que casas unifamiliares.	0,22	370
3	Terreno aberto com poucas obstruções, geralmente menores do que 10 m de altura.	0,14	270
4	Área desobstruída plana exposta ao vento. Entorno de corpos d'água de mais de 1,6 km.	0,10	210

Fonte: adaptado de ASHRAE (2005) (tradução do autor).

A maior dificuldade no desenvolvimento do AFN é a necessidade de estimar as características do fluxo nas aberturas e o coeficiente de pressão do vento na edificação (ARENDT et al., 2017). Os coeficientes de pressão do vento (C_p) descrevem como o vento interfere na distribuição externa de pressões em volta da edificação. Os C_p dependem principalmente da geometria da edificação, dos detalhes da fachada, do entorno da edificação, da velocidade e direção do vento, e da intensidade da turbulência. Na prática, destaca-se a dificuldade em determinar precisamente a relação entre o C_p e todos esses fatores. As abordagens mais realistas são os experimentos em escala real in-situ. No entanto, esses experimentos possuem custo elevado e normalmente possuem grandes incertezas. Os dados dos C_p podem ser estimados das seguintes fontes: testes de túnel de vento; simulações com CFD; modelos analíticos; e bases de dados. Bases de dados de C_p são compilações de uma ou mais fontes, onde os dados são classificados de acordo com alguns parâmetros, como a forma da edificação e a orientação de incidência do vento.

A dificuldade em se considerar toda a complexidade de variação do C_p faz com que os programas de simulação termoenergética de edificações com AFN, geralmente, incorporem métodos simplificados (CÓSTOLA et al., 2009). Os experimentos de túnel de vento são as fontes primárias mais comuns. A qualidade dos resultados de túneis de vento são diretamente afetados pela calibração do túnel de vento, a garantia de qualidade dos procedimentos, e o

conhecimento do pessoal para a preparação e execução dos testes.

Os túneis de vento permitem um bom grau de controle sobre os experimentos, assim como a repetitividade e reprodutibilidade dos testes conduzidos (OMRANI et al., 2017). No entanto, a escala pode afetar o fluxo de ar e as transferências de calor se os parâmetros adimensionais corretos não são mantidos entre os modelos de diferentes tamanhos. Isso faz com que o ideal seja usar modelos em escala real.

Em casos em que não é possível obter os valores de C_p por fontes primárias, Cóstola et al. (2009) apontam as bases de dados como as fontes secundárias mais comuns. A base de dados de pressão de vento da Universidade Politécnica de Tóquio (TPU) oferece dados experimentais obtidos a partir de experimentos em túnel de vento (TPU, 2018). A base de dados possui os resultados de testes conduzidos utilizando-se modelos de acrílico em um túnel de vento de seção de 2,2 m de largura por 1,8 m de altura. A camada limite atmosférica foi simulada por elementos geradores de turbulência e outros elementos de rugosidade. Diferentes perfis de vento foram usados para construir a base de dados. Na maioria dos experimentos a velocidade média e os perfis de intensidade de turbulência estavam de acordo com as de terreno suburbano. A intensidade de turbulência à altura de 10 cm foi cerca de 0,25, e a velocidade de vento teste a essa altura foi 7,4 m/s. O número mínimo de Reynolds foi 25340, que é acima do limite 11000 para o fluxo independente.

Diversos fatores que afetam o valor do C_p são comumente simplificados, como apontado por Cóstola et al. (2010) na Tabela 2.2.

Tabela 2.2: Fatores que afetam o C_p e simplificações comuns.

Fatores que afetam o C_p	Simplificações comuns
Ponto de interesse na superfície da fachada da edificação (C_p local)	Dado médio para a superfície (C_p médio)
Perfil do vento	Adoção de coeficientes que determinam o perfil de vento de acordo com o local
Elementos de obstrução da edificação	Obstruções com formas genéricas
Geometria da edificação e detalhes da fachada	Dados genéricos usados para qualquer forma, e sem detalhes na fachada considerados
Direção do vento	Resolução angular baixa

Fonte: adaptado de Cóstola et al. (2010) (traduzido pelo autor).

De acordo com Cóstola et al. (2010), os C_p médios se definem

de acordo com Equação 2.1 e Equação 2.2.

$$C_p = \frac{P_x - P_0}{P_d} \quad (2.1)$$

$$P_d = \frac{\rho V_{ref}^2}{2} \quad (2.2)$$

Onde:

P_x é a pressão estática em um dado ponto da fachada do edifício (Pa);

P_0 é a pressão estática de referência (Pa);

P_d é a pressão dinâmica (Pa);

ρ é a densidade do ar (kg/m^3);

V_{ref} é a velocidade do vento de referência (m/s).

Nas simulações termoeenergéticas de edificações, há muita incerteza relacionada ao C_p . Isso deve-se à influência do C_p em muitos dos indicadores de desempenho, como consumo de energia ou conforto térmico, que são frequentemente sensíveis à taxa de fluxo de ar (CÓSTOLA et al., 2009). As bases de dados de C_p são amplamente disponíveis, particularmente para o cálculo de carga de vento em estruturas. Esses valores de C_p para edificações sem obstruções, com geometria simples, podem ser utilizados quando experimentos em túneis de vento não são disponíveis. Uma abordagem similar é usada para bases de dados de ventilação e infiltração na literatura. Nenhuma das bases de dados e modelos analíticos lidam com os efeitos da topografia local, detalhes da fachada, ou informam a incerteza dos dados disponibilizados. Os efeitos das edificações do entorno são considerados com muitas limitações e simplificações.

O estudo de Cóstola et al. (2010) quantifica a incerteza na taxa de fluxo de ar devido ao uso do C_p médio da fachada, considerando 15 formas de edifícios e diferentes configurações de aberturas. O foco se deu em ventilação e infiltração movidas por vento, e a força de empuxo não foi considerada. Este estudo apresentou a estimativa de incerteza para edificações com duas aberturas idênticas, e uma zona interna, baseando-se em uma grande faixa de formas e ângulos de incidência do vento. A incerteza na taxa de fluxo de ar calculada usando-se os coeficientes médios da superfície para edificações isoladas com duas aberturas varia entre 0,23 e 5,05 vezes o fluxo se comparada ao uso do C_p local, para um intervalo de confiança de 95%. As grandes incertezas relativas devem-se às pequenas taxas de fluxo de ar. Quando se considera apenas as

superfícies com maiores diferenças de pressão relativa, a incerteza diminui para valores entre 0,52 e 1,42 vezes. Conclui-se que a magnitude da incerteza é alta, mas o julgamento em relação à aplicabilidade desses dados depende do problema em análise e do indicador de desempenho escolhido.

O trabalho de Arendt et al. (2017) estuda a influência dos dados de C_p de diferentes fontes na precisão de um modelo AFN. Uma edificação real com um sistema de ventilação movido por vento e força de empuxo foi adotado para um estudo de caso. Oito casos com diferentes dados de C_p foram estudados. Os resultados de temperatura do ar e fluxo do ar interno foram então comparados com as medições na escala real. Uma edificação residencial de dois pavimentos, localizada em Skarszewy, no norte da Polônia, foi escolhida para o estudo de caso. A edificação possui janelas e chaminés de ventilação. A densidade de construção na área de entorno da edificação não foi especificada no estudo. As simulações foram efetuadas para um período de tempo de 7 dias no fim da primavera. A modelagem da edificação foi realizada através do programa Energy-Plus 8.1 (DOE, 2015). Os valores de C_p foram obtidos de duas fontes: CPCALC+, que é um modelo analítico; e AIVC, que oferece uma base de dados. A partir dos dados do AIVC, considerou-se duas possibilidades: área plana aberta; e área rural com barreiras de vento espalhadas. A partir do CPCALC+ considerou-se as seguintes densidades de construção: 1%, 10% e 20%. Para cada densidade de construção utilizada, considerou-se mais um caso onde o C_p para o ângulo de incidência de 180° teve seu valor alterado em -0,1. Essa foi uma variação arbitrária para verificar a influência nos resultados, uma vez que 180° era a direção de incidência predominante do vento no local. Em todos os casos considerou-se o coeficiente de descarga (C_d) das aberturas igual a 0,6. Os casos mais precisos foram: o que considerou os valores da AIVC para terrenos com barreiras esparsas; e o que considerou os valores do CPCALC+ para 1% de densidade, e variação de -0,1 no C_p para o ângulo de incidência de 180° . O caso mais próximo do real obteve uma diferença relativa de 10%, enquanto o pior caso (CPCALC+ 1% de densidade) obteve um erro relativo de 169%. Os erros do CPCALC+ foram maiores do que o do AIVC, mesmo considerando-se o C_p para a posição exata da abertura, enquanto o AIVC considerou a média na superfície da fachada. Nos melhores resultados, a diferença calculada para a temperatura do ar foi menor do que $0,5^\circ\text{C}$, enquanto nos piores, foi entre $1,1^\circ\text{C}$ e $1,2^\circ\text{C}$. A correlação entre a precisão relativa do fluxo de ar e da temperatura do ar não foi linear. A conclusão final

foi que simulações com AFN na fase inicial de projeto, quando não há dados experimentais disponíveis para a validação do modelo, possuem significantes incertezas.

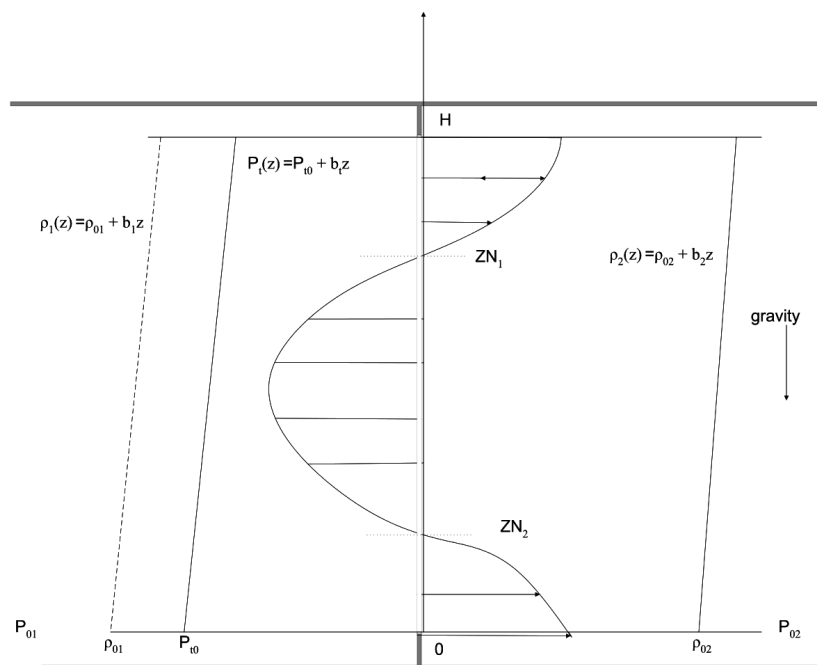
Freire et al. (2013) avaliaram diferentes modelos de ventilação cruzada e unilateral (*British Standard*, Gids e Phafe, e Larsen) e compararam com resultados de medições *in-situ* e em túneis de vento. Também são avaliadas as bases utilizadas para obtenção dos C_p . O modelo de Larsen mostrou-se mais apropriado para a ventilação unilateral, por considerar variações em função do ângulo de incidência do vento. Os C_p do CPCALC (C_p local) obtiveram resultados mais precisos do que os das equações de Swami e Chandra (1988) (C_p médio), que é o método padrão do programa EnergyPlus (DOE, 2018) para a obtenção do C_p . Porém, ambos obtiveram erros relativos por volta de 30%. O fluxo de ar por grandes aberturas envolve diferentes obstáculos, que inclui desde fluxos gravitacionais estáveis, até fluxos flutuantes devido à turbulência do vento. A solução utilizada pelo programa EnergyPlus 8.9 (DOE, 2018) para a modelagem de grandes aberturas é baseada no modelo COMIS (FEUSTEL; RAYNER-HOOSON, 1990). As principais premissas para esse modelo são:

- fluxo estável, fluido não-viscoso e incompressível;
- estratificação linear da densidade em ambos os lados da abertura;
- efeitos de turbulência representados por um perfil de diferença de pressão equivalente;
- efeitos de redução da área efetiva de abertura representados por um coeficiente.

O componente *Detailed Opening* do EnergyPlus (DOE, 2018) assume que, além da diferença de pressão entre os nós ligados pela abertura, há diferenças de pressão em função da altura da abertura, relacionadas à densidade do ar e à velocidade do vento. Por isso, é possível haver dois planos neutros de pressão ao longo da abertura, permitindo que o fluxo de ar se divida em três partes. Na Figura 2.2, P_{01} e P_{02} representam as pressões nos nós, ρ_1 e ρ_2 representam a diferença de densidade do ar em função da altura, e P_z representa a diferença de pressão em função da altura, causada pela turbulência do vento.

O coeficiente de descarga (C_d) é utilizado para representar a característica do fluxo na abertura quando a abertura é grande. Para

Figura 2.2: Fenômenos considerado pelo EnergyPlus ao modelar fluxo de ar através de grandes aberturas.



Fonte: DOE (2018).

frestas, utiliza-se o coeficiente de fluxo de ar por frestas (ARENDT et al., 2017). Esses coeficientes se definem como a razão entre o fluxo real em relação ao ideal, quando a taxa de fluxo de massa de ar de referência é a vazão mássica de ar para a diferença de pressão de 1 Pa. Ambos os parâmetros dependem da geometria da abertura, velocidade do ar, orientação geográfica, edificações do entorno, morfologia urbana e a forma do edifício em questão. O valor do C_d é o produto entre o coeficiente de velocidade e o coeficiente de contração (FLOURENTZOU et al., 1998). Ele pode ser determinado experimentalmente quando a taxa de fluxo de ar é medida diretamente, com gás rastreador, por exemplo. O coeficiente de velocidade também pode ser determinado similarmente medindo-se as velocidades do ar.

Iqbal et al. (2015) apontam que o C_d representa os efeitos não ideais de fluxo, que são causados principalmente pela fricção no caminho do fluxo de ar e o efeito de contração devido a mudanças na direção do fluxo. Devido à dificuldade de se estimar esses efeitos separadamente, normalmente apenas o C_d é usado para especificar vazão de ar através de aberturas. O valor de C_d para janelas operáveis não é constante, mas varia consideravelmente de acordo com a área de abertura, o tipo de janela e a diferença de pressão entre a abertura. O uso de valores constantes de C_d podem levar a estimativas errôneas do fluxo de ar.

De acordo com o manual do COMIS (FEUSTEL; RAYNER-HOOSON, 1990), os valores de C_d podem variar de 0,61, para orifícios de arestas vivas, até 0,98 para tubos com forma de trompette. Os valores encontrados podem variar de 0,25 até 0,75 para grandes aberturas. Normalmente assume-se o valor de 0,6 para aberturas retangulares em simulações (FLOURENTZOU et al., 1998; HEISELBERG et al., 2001; BREECH; JANSSENS, 2010; IQBAL et al., 2015; KRZACZEK et al., 2015; ARENDT et al., 2017).

O objetivo de Flourentzou et al. (1998) foi identificar os valores de coeficientes de resistência de fluxo para uma edificação de escritórios de três pavimentos naturalmente ventilada na Suíça. A ventilação por força do vento foi desconsiderada devido à sua instabilidade, o que fez com que os experimentos fossem conduzidos em noites sem vento. O estudo considerou apenas ventilação por força de empuxo, de fluxo levemente turbulento, buscando validar algoritmos simples de ventilação e dar uma base experimental para diretrizes de projeto para técnicas de resfriamento noturno. Nos experimentos, mediu-se a velocidade do ar e linha de pressão neutra, observando-se os coeficientes de contração e de velocidade usados no modelo de Bernoulli. As medições foram efetuadas levando-se em conta a ventilação unilateral e cruzada. As escadas funcionaram como uma chaminé de exaustão nas trocas de ar por empuxo. Os valores de C_d encontrados estão de acordo com o valor geralmente aceito de $0,6 \pm 0,1$.

Heiselberg et al. (2001) descreveram e sumarizaram os resultados de uma série de medições em laboratório, desenvolvidas para determinar as características do fluxo de ar em janelas abertas, e da distribuição de ar na sala, além de fornecer dados para projetos. O trabalho focou na estimativa dos C_d , nas condições de fluxo de ar no ambiente e no desenvolvimento de um modelo semi-empírico de fluxo para estimar parâmetros de conforto em zonas ocupadas. As medições foram aplicadas a dois tipos de janelas, e em função do

ângulo de abertura e diferenças de pressão e temperatura através da abertura. Os resultados mostram que o C_d não pode ser considerado constante, pois varia consideravelmente em função da área de abertura, do tipo de janela e das diferenças de temperaturas. Isso pode levar a erros relacionados à capacidade de fluxo. O valor normalmente adotado de 0,6 é obtido apenas para áreas de abertura grandes. Áreas de abertura menores possuem valores maiores.

O estudo de Iqbal et al. (2015) avalia o efeito do ângulo de abertura na taxa de fluxo ar em janelas pivotantes em telhados. Os valores de C_d são obtidos para os diferentes ângulos, com e sem vento, para fluxos de entrada e saída. Utilizou-se medições em túnel de vento para o estudo, com o modelo de uma residência em escala 1:20. Os resultados são apresentados para fluxo unidirecional. Na ausência de vento, o C_d diminui com o aumento do ângulo de abertura. O C_d mostrou-se variar em função do número de Reynolds. Para fluxo turbulento totalmente desenvolvido, o C_d também diminui com o aumento no ângulo de abertura. Para fluxos de ar movidos por vento, o C_d da janela depende da turbulência na taxa de fluxo de ar que passa pela abertura. Concluiu-se que o valor de C_d varia em função da fração de velocidade (velocidade média do ar em relação à velocidade do vento de referência). Os valores de C_d para fluxos de entrada e saída foram diferentes. Quando a velocidade do ar é superior à velocidade do vento de referência, o C_d é independente da fração de velocidade e da direção do fluxo, e os valores de C_d são idênticos aos valores para velocidade do vento igual a zero. Para ângulos de abertura pequenos o C_d era próximo a 1, enquanto o valor mínimo de C_d foi igual a 0,6 para abertura máxima, valor geralmente utilizado nos modelos de AFN para grandes aberturas. Concluiu-se que janelas pivotantes podem auxiliar na obtenção de valores maiores para o C_d , que varia em relação ao ângulo de abertura.

O fluxo de ar por aberturas horizontais no programa Energy-Plus 8.9 (DOE, 2018) é baseado no trabalho de Cooper (1989). Considera-se fluxo de ar por diferença de pressão entre as zonas, por diferença de densidade (causada pelas diferenças de temperatura), ou ambos os fenômenos simultaneamente. A troca de ar total entre as zonas é a soma do fluxo gerado pela diferença de pressão, mais o fluxo da força de empuxo. Porém, o fluxo de ar que desce pela força de empuxo é igual ao fluxo de ar que sobe, cancelando a parcela da força de empuxo no somatório da massa de ar que entra e sai da zona. Para a modelagem de uma escada, há a possibilidade

de se considerar um plano inclinado na abertura horizontal. Essa consideração é realizada pela substituição da área de abertura por uma área de abertura efetiva.

A VN é um fenômeno complexo, dependente de diversos fatores. O uso de modelos AFN tem algumas limitações, assim como os coeficientes adotados para a aplicação dos modelos. Apesar das condições de contorno e simplificações adotadas, o AFN apresenta-se como uma solução mais compatível com programas de simulação termoenergética de edificações como o EnergyPlus, devido ao relativo baixo custo computacional e à integração já existente aos demais algoritmos do programa.

2.2 CONFORTO TÉRMICO

Dentro de uma edificação, diversos fatores podem influenciar no conforto dos ocupantes, como características acústicas, visuais ou térmicas. Devido ao foco deste trabalho, serão discutidas questões relacionadas ao conforto térmico. A busca por conforto térmico tem influência significativa na construção de edificações e na escolha dos materiais construtivos. Esse conforto depende de fatores físicos, fisiológicos e psicológicos. De acordo com a ASHRAE Standard 55 (2017), conforto térmico é o estado da mente que expressa satisfação da pessoa com o ambiente térmico que a circunda, e é estimado através de avaliação subjetiva. No estudo do conforto térmico há duas abordagens principais: o modelo estático e o modelo adaptativo. O modelo estático foi desenvolvido por Fanger (1970), a partir de estudos realizados em câmaras climatizadas. As câmaras climatizadas tinham temperatura, umidade relativa e velocidade do ar controladas, e os objetos de estudo exerciam atividades e utilizavam vestimentas específicas. Neste estudo, as variáveis mais importantes que influenciam no conforto térmico são: nível de atividade; resistência térmica das roupas; temperatura do ar; temperatura radiante média; velocidade do ar; umidade relativa no ambiente.

Para determinar o nível de conforto térmico no ambiente construído, Fanger (1970) desenvolveu a partir dessas variáveis o “Voto Médio Predito” (PMV), uma escala para otimizar as condições de conforto térmico em um ambiente construído. A escala do PMV prediz se os ocupantes do ambiente estarão sentindo frio, calor ou neutros. Para que haja conforto térmico, é necessário que haja neutralidade térmica. A neutralidade térmica é a condição na qual a pessoa prefere que o ambiente à sua volta não esteja nem mais frio,

nem mais quente. A abordagem no modelo adaptativo é diferente da proposta no modelo estático. De Dear et al. (1997) afirmam que uma premissa importante do modelo adaptativo é que o ocupante da edificação não é simplesmente um receptor passivo de um dado ambiente térmico, como no caso das câmaras climáticas, mas em vez disso é um agente ativo, que interage em diversos níveis do sistema “pessoa-ambiente” via ciclos retroalimentados. As expectativas térmicas resultam da confluência de experiências correntes e passadas e práticas técnicas e culturais. Sendo assim, leva-se em conta diferenças não apenas quantitativas, mas também qualitativas entre o conforto térmico em edificações condicionadas artificialmente e naturalmente ventiladas. Baseando-se em um estudo de um banco de dados de 21 mil medições realizadas em edificações comerciais, Dear et al. (1997) concluíram que, em edificações ventiladas naturalmente, a tolerância dos usuários em relação à variação de temperatura é maior, e o conforto depende diretamente das temperaturas médias externas.

A relação estabelecida, define os limites inferior e superior de temperatura operativa do ambiente, a partir da temperatura externa média, e estão de acordo com as Equação 2.3 e Equação 2.4 (ASHRAE Standard 55, 2017).

$$T_{inf} = 14,3 + 0,31T_m \quad (2.3)$$

$$T_{sup} = 21,3 + 0,31T_m \quad (2.4)$$

Onde:

T_{inf} é o limite inferior da temperatura operativa para que haja conforto térmico (°C);

T_{sup} é o limite superior da temperatura operativa para que haja conforto térmico (°C);

T_m é a temperatura média do ar externo (°C).

A temperatura média do ar externo representa o ambiente climático externo com o qual os ocupantes da edificação estão fisiologicamente, comportamentalmente e psicologicamente adaptados. Essa variável de entrada é baseada na média aritmética das temperaturas médias externas diárias em um período de dias, e pode ser considerada como a temperatura média mensal.

O movimento do ar influencia no conforto térmico, causando desconforto por frio em algumas situações, mas também aliviando o desconforto por calor. Isso ocorre devido ao aumento da convecção

sobre as superfícies, o que causa maior evaporação, fenômeno endotérmico. Devido a essa influência no conforto térmico, a ASHRAE Standard 55 (2017) permite considerar a velocidade do ar como um fator determinante na busca por um ambiente termicamente confortável. Essa consideração é baseada nos valores do *Standard Effective Temperature* (SET), que relaciona a velocidade do ar e a temperatura operativa do ambiente para ambientes climatizados.

De Vecchi et al. (2015) aplicaram o método adaptativo da ASHRAE Standard 55 (2013) para o contexto climático brasileiro, caracterizado como quente e úmido. Os resultados indicam que é possível encontrar níveis aceitabilidade térmica significativos abaixo dos limites inferiores do método adaptativo. Essa tolerância a temperaturas mais baixas deve-se ao aumento de vestimentas por parte dos ocupantes, antes de se recorrer ao aquecimento artificial. Os autores sugerem que a fixação do limite inferior de temperatura operativa em no máximo 19,5 °C, para umidade relativa de 80%, representaria mais adequadamente o comportamento dos usuários no contexto climático brasileiro.

2.3 VENTILAÇÃO NATURAL EM EDIFÍCIOS DE ESCRITÓRIOS

Nesta parte da revisão, buscou-se identificar estudos sobre o uso da VN em edificações de escritórios. Foram identificadas as características dos edifícios relacionadas à geometria, envoltória, padrões de uso, ganhos internos, configuração das aberturas da fachada, entre outros.

Ao longo da maior parte da história, as edificações eram projetadas de forma que o potencial da VN fosse explorado ao máximo. Com a invenção do ar condicionado, a partir da segunda metade do século 20, houve um crescimento do uso de ventilação mecânica e condicionamento de ar no mundo e, com isso, a arquitetura das edificações comerciais começou a sofrer mudanças (Carrilho da Graça; LINDEN, 2016). Associado a essas mudanças do desenho vernacular tradicional, o desenvolvimento urbano resultou em problemas particulares relacionados à demanda de resfriamento nos meses mais quentes. Os grandes centros urbanos são considerados como uma ilha de poluição. Em muitas cidades, o ambiente externo é contaminado com ruído sonoro, partículas finas, calor e gases tóxicos. A dificuldade na aplicação da VN em edifícios comerciais atualmente se deve ainda a aspectos como a necessidade da concepção do conceito desde as fases iniciais de projeto, ou até mesmo a ques-

tões estéticas.

A intensidade de ocupação em edifícios de escritórios varia de acordo com as atividades exercidas. Alguns escritórios são continuamente ocupados por computadores e equipamentos ligados constantemente, enquanto outros são pouco ocupados e têm pouco uso de computadores e iluminação (ELHARIDI et al., 2018).

Neves et al. (2019) desenvolveram um banco de dados com informações levantadas em edifícios de escritórios que operam com ventilação híbrida (VN e condicionamento artificial de ar). Para isso, 153 edifícios construídos após o ano de 1995 na cidade de São Paulo foram selecionados. Dentre os edifícios selecionados, foi realizado um levantamento de campo em 50 edifícios, obtendo-se informações relacionadas às dimensões das salas de escritórios, ao tipo de esquadria utilizado e à presença de elementos de sombreamento. As informações disponíveis em todos os edifícios do banco de dados incluem: áreas, dimensões, formato e número de pavimentos das edificações; absorvância das paredes externas e coberturas; e percentual de abertura na fachada (PAF). Os autores observaram as correlações entre as características encontradas nestes edifícios. As estratégias de VN adotadas não parecem ser algo que procura-se otimizar nos projetos dos edifícios analisados. Tampouco há indicação de uma mudança nesse cenário em edificações de anos mais recentes. O que se nota é o aumento de elementos de sombreamento na fachada em razão do uso de equipamentos condicionadores de ar do tipo *split*. Os autores concluem que o levantamento realizado permite a identificação das características mais recorrentes nos edifícios analisados, e os intervalos de variação nos parâmetros observados. Isso possibilita que trabalhos relacionados ao desempenho térmico de edificações sejam desenvolvidos considerando-se características de edificações reais.

Belleri et al. (2014) compararam predições de desempenho de VN em estágio inicial de projeto pelo programa EnergyPlus com medições de campo. O escritório estudado localiza-se no segundo andar de um edifício de dois andares na Califórnia, Estados Unidos, e tem seu espaço dividido em dois planos abertos de 130 m², conectados por duas grandes aberturas. Não há ventilação forçada ou sistema de resfriamento. As quatro fachadas são providas de janelas, que podem ser operadas pelos ocupantes. Há ventiladores de teto com controle variável disponíveis. Os autores partiram da simulação de um modelo simples, e modificaram gradativamente os seguintes dados de entrada, de acordo com medições em campo: temperaturas internas; controle das janelas; dados climáticos (com

intervalos de 5 minutos); fatores de abertura das janelas, coeficientes de pressão do vento (baseados em medições em túnel de vento). Enquanto a simulação inicial superestimou a média das trocas de ar em 1671%, a simulação com todas as modificações superestimou as trocas de ar em apenas 148%. O estudo conclui que, com dados suficientes, a utilização do programa EnergyPlus com o AFN pode oferecer estimativas informativas relacionadas ao desempenho da VN. No entanto, para melhores estimativas é necessário obter dados relacionados ao vento e ao comportamento dos ocupantes, o que pode ser dificultoso na fase de projeto.

O trabalho realizado por Elharidi et al. (2018) buscou identificar o desempenho energético e a qualidade do ar interno de edifícios de escritórios no Egito, propondo medidas para minimizar o uso de energia. Os dados foram levantados a partir de questionários realizados em 59 escritórios, sendo complementado por dados da literatura. Os dados registrados incluem: área interna, atividade exercida no escritório, tipo de serviço prestado na edificação, tipo de edificação, e contas de energia elétrica. Dentre as atividades nos escritórios, inclui-se contadores, agências de viagem, vendas, administração da saúde, seguros, consultores, administração de bancos, recursos humanos, e governo. As edificações de escritórios foram classificadas em quatro tipos: VN sem resfriamento; VN com resfriamento local; ventilação mecânica com resfriamento local; ventilação mecânica e resfriamento central. A maioria das edificações estudadas possui apenas ventilação natural, ou VN com resfriamento local. A estratégia adotada para resfriamento e ventilação dos edifícios foi identificada como o fator mais impactante no consumo de energia. A eficiência dos equipamentos, iluminação e sistemas de resfriamento, relacionada ao comportamento dos ocupantes, pode reduzir significativamente o consumo elétrico da edificação. Os edifícios com apenas VN têm os menores consumos de energia, sendo que há a possibilidade de desconforto térmico em certas épocas do ano sob essas condições. Os edifícios com VN e resfriamento local têm maior consumo de energia nos meses de verão, mas demandam menos da metade do consumo de energia dos edifícios com resfriamento central.

O estudo de Roetzel et al. (2014) investigou o impacto do projeto da edificação e da ocupação no conforto térmico e desempenho energético em escritórios, para identificar padrões que ajudem nas considerações relacionadas aos estágios iniciais de projeto. O estudo baseia-se no cenário A2 do *International Panel on Climate Change* (IPCC), para o ano de 2030. Uma sala de escritório

celular foi modelada e simulada para três climas através do programa EnergyPlus. Os locais considerados são: Hamburgo, Alemanha; Atenas, Grécia; e Alice Springs, Austrália. Dentre as variações no projeto, considerou-se três tipos de construções: de luxo; de baixo custo inicial; e sustentável. As considerações relacionadas ao comportamento dos ocupantes foram duas: de pior cenário; e de cenário ideal. Para avaliar o conforto térmico e o desempenho energético, as simulações foram realizadas para duas condições: sem consideração de resfriamento e aquecimento para análise de conforto; e incluindo-se *setpoints* para aquecimento e resfriamento. O estudo conclui que o comportamento dos ocupantes é o que mais influencia no consumo final de energia para todos os climas investigados. Para buscar um melhor desempenho e melhores níveis de conforto, as seguintes estratégias para o projeto da edificação são indicadas: proteção solar externa que permita iluminação natural; PAF maiores que 70% e janelas localizadas acima do plano de trabalho; massa térmica aplicada ao piso, paredes e cobertura. Em relação ao comportamento dos ocupantes, as estratégias sugeridas são: operar ativamente as janelas durante o dia e também para a ventilação noturna; operar venezianas para aproveitar a iluminação natural, prevenindo-se de ofuscamento e calor; operar iluminação artificial dependendo da luz natural; e utilizar equipamentos de escritório com baixa potência de consumo.

Pesic et al. (2018) descrevem a aplicabilidade geoclimática da VN na região da Catalunha, na costa do Mediterrâneo. O objetivo é providenciar diretrizes e parâmetros básicos de eficiência energética para arquitetos, engenheiros e políticos, para que possam visualizar o potencial da VN. Três cidades foram analisadas: Barcelona; Terrassa; e Tarragona. O modelo de escritório representa um edifício de três pavimentos *open-plan*. A ventilação cruzada é modelada considerando-se a passagem de ar por janelas operáveis, com movimento gerado primariamente por força do vento. A orientação da edificação foi definida perpendicularmente à principal direção do vento nos meses em que a VN é mais favorável. O PAF é definido como 40% e a infiltração na envoltória é considerada constante, com 0,25 trocas de ar por hora. As temperaturas limite de aceitabilidade do ar externo para VN é entre 10 °C e 33,5 °C. O horário de ocupação é das 8h00 às 18h00, e a ventilação noturna é das 21h00 às 7h00. Considerou-se a possibilidade de uso de condicionamento de ar para aquecimento e resfriamento, ou ventilação mecânica (HVAC) entre as 6h00 e 18h00. A ocupação foi considerada apenas nos dias de semana. A construção e isolamento da edificação

foram definidos de acordo com os padrões da Passivhaus, padrão de construção baseado no uso de isolamento térmico da edificação. A VN foi considerada entre os dias 1º de abril e 31 de outubro (meses quentes). Seis modos de resfriamento foram considerados na análise: apenas HVAC; VN ou HVAC; VN ou HVAC, e ventilação noturna; VN e HVAC simultaneamente; VN e HVAC simultaneamente, e ventilação noturna; apenas ventilação noturna. O maior potencial de redução de energia foi observado para o uso simultâneo de HVAC e VN, com ventilação noturna. Em relação ao caso com apenas HVAC, a redução relativa foi de 28,4%, em Tarragona, a 40,9%, em Barcelona.

O estudo de Yao et al. (2009) buscou um método de analisar estrategicamente o uso de VN nas etapas iniciais de projeto. Consideraram-se as condições climáticas locais, tipo de edificação, padrões de ocupação e ventilação. O trabalho é desenvolvido a partir de um modelo de escritório para cinco climas da China: muito frio; frio; verão quente e inverno frio; verão quente e inverno ameno; e ameno. Os escritórios na China se dividem em dois tipos principais: de alto padrão com sistema central de ar condicionado; e escritório tradicional com ar condicionado *split*. O modelo de escritório utilizado para o estudo possui as seguintes características: sala com dimensões 3,6 m x 5,4 m x 3,0 m; orientação sul-norte; PAF de 0,35 na parede sul e 0,25 na parede norte; ocupação das 8h00 às 18h00; capacidade térmica média; elementos de sombreamento interno na fachada sul no verão; tipo de terreno urbano; ganhos internos igual a 25 W/m². Os autores concluem que em zonas de clima ameno a VN é altamente recomendável para edifícios de escritório em ambos os turnos. A ventilação cruzada tem maior eficiência do que a ventilação unilateral. Em zonas de verão quente e inverno ameno, o uso de VN não satisfaz as exigências para conforto térmico. Portanto, o resfriamento mecânico é recomendado. Observou-se que o uso unicamente da ventilação noturna a não é adequada para edifícios de escritórios, pois os ganhos internos gerados ao longo do dia não podem ser liberados, causando desconforto térmico.

Yun et al. (2008) comentam a dificuldade de se modelar o comportamento dos ocupantes, e como esse aspecto é uma barreira na exploração do uso de técnicas passivas e mistas de eficiência energética. Um estudo de caso foi conduzido durante o verão em seis salas de escritório com VN, localizados em Cambridge, Reino Unido. Os escritórios são ocupados por uma ou duas pessoas, e têm o PAF variando entre 0,12 e 0,57. Dentre os objetivos do estudo,

buscou-se examinar o potencial da VN como estratégia de conforto e resfriamento. Foram coletados dados relacionados à posição das janelas e temperaturas internas e externas, além da aplicação de questionários. Dos casos analisados, o que obteve melhor índice de conforto foi o escritório com brise externo e com possibilidade de aplicação de ventilação noturna. O caso com maior desconforto por calor possui uma janela com PAF de 0,57 orientada para oeste, sem sombreamento externo. As análises mostram que elementos do projeto como a orientação da fachada, o tamanho da janela em relação à orientação, a possibilidade de ventilação natural pela janela, e o sombreamento externo por brise ou edificações vizinhas são fatores determinantes no desempenho térmico. Os autores apontam que áreas envidraçadas menores podem melhorar o desempenho térmico, mas podem comprometer o uso da iluminação natural. Portanto, é crucial buscar um equilíbrio entre o uso de iluminação natural e a busca por minimizar os ganhos de calor pela fachada. Os resultados sugerem que a VN como um método de resfriamento passivo nem sempre é efetiva, pois os ocupantes nem sempre operam as janelas de acordo com as condições ideais para o resfriamento por ventilação. Portanto, destaca-se a importância de se elaborar um projeto robusto para a edificação, para compensar comportamentos desfavoráveis por parte dos ocupantes.

De acordo com Carrilho da Graça e Linden (2016), nos climas quentes, que é o caso do Brasil, há maior potencial de economia e maior desafio na aplicação de VN. Roetzel et al. (2014) afirmam que o modelo adaptativo da ASHRAE Standard 55 (2017) tem uma faixa maior de aplicabilidade em climas mais quentes, o que pode propiciar um maior potencial de otimização. Esta parte da revisão bibliográfica apresentou estudos que abordam o potencial de VN como uma solução para o resfriamento passivo em edificações de escritórios. Nos diferentes casos e configurações dos sistemas de resfriamento considerados, algumas características avaliadas e soluções propostas são predominantes, como o uso de ventilação cruzada ou de sombreamento das aberturas. No entanto, a variação de determinadas características das edificações podem resultar em desempenhos térmicos diferentes de acordo com as combinações de parâmetros, ou características climáticas

2.4 ANÁLISE DE SENSIBILIDADE

Análise de sensibilidade (AS) é uma ferramenta valiosa na simulação termoenergética de edificações. Por isso, a AS é usada amplamente para explorar as características do desempenho térmico em edificações em diversas aplicações, como projetos, calibração de modelos, *retrofits*, impacto das mudanças climáticas entre outros (TIAN, 2013). A metodologia para a aplicação da AS tipicamente adota os seguintes passos: determinar as variações dos dados de entrada; determinar os modelos das edificações; executar as simulações dos modelos; coletar os resultados; executar a AS; apresentar os resultados da AS. Os métodos de AS podem ser divididos entre as abordagens local e global. A AS local é focada nos efeitos da incerteza de parâmetros de entrada em torno de um caso base, enquanto a AS global é mais interessada na influência dos parâmetros de entrada sobre todo o espaço de parâmetros de entrada possíveis. Por isso, a AS global é considerada mais confiável. A AS global inclui métodos de regressão, baseados em screening, em variância e metamodelos.

O primeiro passo para realizar uma AS é determinar a faixa dos dados de entrada. Quando o objetivo é determinar diferentes opções de projeto, Tian (2013) sugere distribuições uniformes nos dados de entrada, pois assume-se que os diferentes valores para os dados de entrada são igualmente prováveis.

O método da variância decompõe a incerteza dos dados de saída para seus correspondentes dados de entrada (TIAN, 2013). Nessa abordagem, os dois métodos mais comuns são o FAST (SALTELLI et al., 2004) e o Sobol' (1993). Por esses métodos, é possível avaliar efeitos de primeira ordem e de ordens superiores. Os efeitos de primeira ordem são determinados observando-se o quanto a variação de cada parâmetro isoladamente influencia na variância dos dados de saída. Os efeitos de segunda ordem consideram as interações entre dois parâmetros na variância dos dados de saída, e a mesma lógica segue para os efeitos de ordens superiores. Os efeitos totais, para cada parâmetro, são a soma dos efeitos de todas as ordens. Ao somar os efeitos de primeira ordem mais os efeitos de ordens superiores, de todos os parâmetros do modelo, o valor obtido deve ser igual a 1. Quando o objetivo é fixar parâmetros não impactantes nos resultados, os efeitos totais devem ser usados (SALTELLI et al., 2004). Métodos de variância são de abordagem livre, fazendo com que sejam adequados para modelos não-lineares e com correlações entre variáveis.

2.5 METAMODELOS DE EFICIÊNCIA ENERGÉTICA E DESEMPENHO TÉRMICO EM EDIFICAÇÕES

Projetistas encontram dificuldades no uso de ferramentas de simulação de desempenho energético, que podem não ser compatíveis com suas necessidades e métodos de trabalho. Por isso, Picco et al. (2014) propõem simplificar a descrição do edifício e converter um modelo detalhado em um modelo simplificado, com apenas um número limitado de entradas. Em um estudo de caso, simplificações foram assumidas quanto às envoltórias, superfícies transparentes, zonas térmicas e pavimentos de um edifício comercial. As diferenças encontradas em relação ao modelo detalhado, no pior caso, foram de 15,6% para cargas de aquecimento e 14,6% para cargas de resfriamento. Com diferenças menores de 4% e 9% para cargas de pico, respectivamente. Apesar das margens de erro, os autores observaram que simplificações no modelo podem auxiliar em estágios iniciais de projeto, quando certas características no projeto do edifício ainda não estão bem definidas.

Há modelos baseados em equações físicas, que simulam os sistemas de transferência de calor, e modelos baseados em funções estatísticas, que deduzem esses comportamentos. Modelos estatísticos funcionam apenas com entradas e saídas, sem correlacionar causa e efeito, mas têm maior agilidade. Os modelos escritos com equações físicas seguem os princípios da conservação de energia e são os que mais se aproximam do comportamento real, mas podem ser dificultosos de se aplicar por serem muito complexos. Para adaptar as principais funcionalidades de ambos os modelos, existem modelos híbridos, chamados metamodelos.

Modelos preditivos são funções matemáticas que, aplicadas a uma quantidade significativa de dados, conseguem identificar padrões ocultos e prever o que poderá ocorrer. Os métodos de inteligência artificial mais utilizados para predição de desempenho energético de edificações são redes neurais artificiais (RNA) e máquinas de vetores de suporte (MVS) (ZHAO; MAGOULÈS, 2012). São modelos altamente eficazes na solução de problemas não-lineares. Esses métodos podem oferecer predições altamente precisas, desde que as definições do modelo e parâmetros estabelecidos estejam definidos adequadamente. Modelos de RNA já foram usados para analisar vários tipos de consumo de energia em edificações em diversas condições, como em cargas de aquecimento e resfriamento, consumo de eletricidade, operação e otimização de componentes, e estimativa de parâmetros de uso. O uso de MVS vem crescendo

em pesquisas e indústria. Em muitos casos as MVS mostram performances superiores às das RNA, mesmo com pequena quantidade de dados para treinamento.

Os resultados de simulações podem ser avaliados a partir de características específicas. Essas características podem incluir pico da demanda de energia, consumo anual de energia, conforto, custo do ciclo de vida, entre outros. No desenvolvimento de um metamodelo analítico para otimização de modelos de energia de edificações, Eisenhower et al. (2012) utilizaram o PMV para a avaliação dos resultados. A caracterização dos dados e técnica de regressão do modelo foram baseadas em princípios de aprendizagem automática. Aprendizagem automática é uma classificação de algoritmos que tentam identificar características dentre os dados, sem conhecimento prévio dessas características. Dentre diferentes possíveis abordagens (RNA, Programação Genética, Redes Bayesianas) a escolhida para o caso foi a MVS. A identificação dos parâmetros mais influentes no processo de otimização foi realizada através de uma análise de sensibilidade global, baseada em derivadas locais. O metamodelo gerado foi capaz de identificar a minimização do consumo de energia, mantendo ou melhorando o conforto, sem necessidade de extensivas repetições de simulações de energia.

Rackes et al. (2016) propõem um metamodelo para analisar edificações comerciais e escolas de poucos pavimentos, ventiladas naturalmente. Primeiramente, foi construído um banco de dados com aproximadamente 50.000 simulações. As simulações foram executadas a partir dos modelos termoenergéticos e AFN do programa EnergyPlus, e do modelo de conforto adaptativo da ASHRAE Standard 55 (2013), que determina a zona de conforto que satisfaz 80% dos ocupantes. As características dos edifícios simulados foram variadas a partir de 55 dados de entrada relacionados à tipologia do edifício, layout interno, geometria das janelas e sombreamento, propriedades do fluxo de ar, materiais de construção, cargas internas e transferência de calor pelo solo. Os arquivos de IDF utilizados pelo EnergyPlus foram criados a partir de uma rotina escrita no programa MatLab. Foram utilizados 427 arquivos climáticos do Brasil para a representação geográfica. O indicador de desempenho em conforto térmico escolhido foi o *Exceedance Hour Fraction* (EHF), que é a fração de horas de desconforto em relação às horas de ocupação. Na etapa seguinte, 93 parâmetros preditores foram definidos para a análise do banco de dados. A principal ferramenta para a análise de sensibilidade foi a regressão linear múltipla da variável resposta em relação aos preditores. O método de apren-

dizagem automática escolhido foi a MVS. Após treinar e avaliar diversos modelos, 53 parâmetros preditores foram selecionados para a versão final. Esses parâmetros podem ser obtidos a partir de 29 dados de entrada e um arquivo climático. Comparando as simulações do EnergyPlus com as predições, o metamodelo apresentou RMSE (erro médio quadrático) igual a 0,059 e AE95 (erro absoluto do 95o percentil) igual a 0,126. Quando testado com outros 2000 casos não usados no treinamento do metamodelo, o RMSE foi 0,060 e o AE95 foi 0,129, o que indica consistência nos resultados.

Versage (2015) desenvolveu um metamodelo para estimar a carga integrada anual de energia de refrigeração para avaliação de desempenho energético de edificações condicionadas artificialmente através do desempenho individual de suas zonas térmicas. Foi desenvolvida uma base de dados de aproximadamente 1,29 milhões de casos simulados, com parâmetros construtivos variados, para o clima de Florianópolis. Uma amostra dos dados foi adotada para a elaboração de metamodelos com as técnicas de regressão linear múltipla, regressão adaptativa multivariada por *splines*, processo gaussiano, máquina de vetores de suporte, *random forest* e redes neurais artificiais. Para avaliar e comparar os metamodelos, quatro índices de desempenho foram escolhidos: tempo de treinamento, coeficiente de determinação (R^2), RMSE e erro médio quadrático normalizado (NRMSE). O metamodelo de RNA obteve o melhor desempenho entre os testados. A rede neural artificial treinada com 1% dos casos do banco de dados, e com 72 nós na camada interna, obteve o melhor desempenho global, e foi capaz de reproduzir resultados com erros menores que 10% para 99,2% dos casos. O metamodelo elaborado a partir de MVS obteve o pior desempenho. Porém, o autor destaca que outras configurações e tratamentos dos dados poderiam mudar o desempenho dos metamodelos avaliados.

3 METODOLOGIA

3.1 DEFINIÇÃO DOS PARÂMETROS DE ENTRADA E SAÍDA

3.1.1 Parâmetros de entrada

A princípio, a definição dos parâmetros adotados para gerar a base de dados de simulações para o desenvolvimento do metamodelo foram obtidos a partir do banco de dados com 153 edificações de escritórios com ventilação natural (VN) disponibilizado por Pereira e Neves (2018). Dentre as informações disponíveis no banco de dados, obtém-se:

- orientação solar do edifício;
- número de pavimentos;
- forma dos pavimentos e das salas;
- áreas dos pavimentos e das salas;
- altura do pé-direito das salas;
- relações entre as dimensões dos pavimentos e entre as dimensões das salas;
- absorvância das paredes externas;
- cor da cobertura;
- tipo de vidro nas janelas;
- tipo de esquadria;
- fator de abertura das janelas;
- percentual de abertura na fachada (PAF);
- tipo de sombreamento;
- tipo de estratégia de VN (unilateral ou cruzada).

Os valores desses parâmetros foram observados através de suas distribuições de ocorrência. Desta forma definiu-se os limites mínimos e máximos para o desenvolvimento das simulações termoenergéticas, com parâmetros variando de acordo com o que se encontra comumente em edifícios reais. Como as edificações do banco

de dados localizam-se na cidade de São Paulo, esse foi o clima para qual o metamodelo foi desenvolvido.

Certas informações não estão disponibilizadas pelo banco de dados analisado, como algumas relacionadas às propriedades termofísicas dos materiais da envoltória, às densidades de potência de iluminação e equipamentos, e aos padrões e taxas de ocupação. Frente a essa limitação, os valores desses parâmetros foram definidos a partir da Proposta de Instrução Normativa do Inmetro para a Classe de Eficiência Energética de Edificações Comerciais, de Serviços e Públicas (INI-C, 2017).

A Tabela 3.1 apresenta os parâmetros que mantiveram-se com valores constantes no desenvolvimento do trabalho. Esses valores foram escolhidos a partir do que é apresentado na INI-C (2017) para a simulação das edificações nas condições de referência. A cobertura tem suas propriedades termofísicas baseadas na consideração de uma laje de concreto de 10cm de espessura e telha de fibrocimento, separadas por uma câmara de ar. O padrão de ocupação foi definido de acordo com o que é estabelecido para a análise de conforto térmico em edificações de escritórios pelo método simplificado, considerando-se apenas dias de semana. Valores relacionados às propriedades termofísicas do piso em contato com solo e da laje entre pavimentos não são especificados pela INI-C, portanto foi considerado, para ambos os casos, uma laje de concreto de 12cm de espessura com uma camada de piso cerâmico.

Tabela 3.1: Parâmetros com valores constantes.

Parâmetros	Valores
Capacidade térmica da cobertura	233 kJ/m ² K
Transmitância da cobertura	2,06 W/m ² K
Capacidade térmica do piso / laje	306 kJ/m ² K
Transmitância do piso / laje	4,30 W/m ² K
Transmitância do vidro	5,7 W/m ² K
Densidade de potência de iluminação	14 W/m ²
Densidade de potência de equipamentos	97 W/pessoa
Hora de início de ocupação	8 horas
Hora final de ocupação	18 horas

Os parâmetros da Tabela 3.2 tiveram seus limites mínimos e máximos baseados nos limites apresentados na INI-C (2017) para a aplicação do método simplificado. Tanto edificações condicionadas artificialmente, quanto edificações naturalmente ventiladas ou

híbridas têm limites semelhantes para a aplicação do método. A única exceção é a taxa de ocupação, que é sempre considerada com o valor fixo de 0,10 pessoas/m² na INI-C (2017). No entanto, sabendo-se da influência que a carga térmica proveniente dos ocupantes e equipamentos elétricos pode ter nas temperaturas internas das zonas térmicas, optou-se por variar a taxa de ocupação entre a metade e o dobro do que é definido pela Instrução Normativa. A densidade de potência dos equipamentos foi definida com um valor constante, mas varia de acordo com a taxa de ocupação, como apresentado previamente na Tabela 3.1.

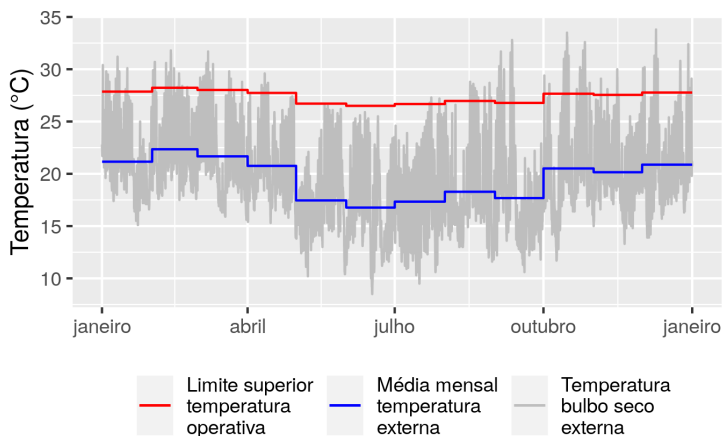
Tabela 3.2: Limites mínimos e máximos de valores dos parâmetros variáveis não disponíveis no banco de dados.

Parâmetro	Faixa de valores
Capacidade térmica da parede	0,22 - 450 [kJ/m ² K]
Transmitância da parede	0,50 - 4,40 [W/m ² K]
Fator solar do vidro	0,20 - 0,87 [-]
Ângulo horizontal de sombreamento	0 - 80 [°]
Taxa de ocupação	0,05 - 0,20 [pessoas/m ²]

3.1.2 Parâmetro de saída

A variável de saída do metamodelo desenvolvido é a fração de horas de desconforto por calor (EHF). Neste trabalho, o indicador escolhido para o limite superior da temperatura é estabelecido pelo método de conforto adaptativo da ASHRAE Standard 55 (2017), para 80% de satisfação entre os ocupantes. O desconforto por frio não foi considerado. A Figura 3.1 apresenta as temperaturas externas da cidade de São Paulo, com suas médias mensais, e os limites superiores de temperatura pelo método de conforto adaptativo da ASHRAE Standard 55 (2017), para 80% de satisfação entre os ocupantes.

Figura 3.1: Temperaturas externas da cidade de São Paulo, e limites superiores de aceitabilidade



Durante as simulações, para cada *timestep* com ocupação na sala, foi calculado se a temperatura operativa da zona térmica ultrapassou o limite superior determinado pelo método adaptativo da ASHRAE Standard 55 (2017). Ao fim de cada simulação, a fração de horas de desconforto foi obtida para cada zona térmica modelada, de acordo com a Equação 3.1:

$$EHF = \frac{timesteps_{sup}}{timesteps_{ocup}} \quad (3.1)$$

Onde:

EHF é igual a fração de horas de desconforto por calor na zona térmica;

$timesteps_{sup}$ é igual ao número de *timesteps* em que há ocupação na zona térmica e a temperatura operativa ultrapassa o limite superior determinado pelo método adaptativo;

$timesteps_{ocup}$ é igual ao número de *timesteps* em que há ocupação na zona térmica.

Para avaliar o potencial do uso de ventiladores, o movimento do ar foi considerado no desenvolvimento do metamodelo. A ASHRAE Standard 55 (2017) considera um aumento no limite superior da faixa de conforto térmico de acordo com a velocidade do ar. O aumento de aceitabilidade da temperatura operativa foi considerado

para os três valores de velocidade do ar apresentados na Tabela 3.3, além da possibilidade se assumir o valor de velocidade do ar igual a zero, caso o uso de ventilador não tenha sido considerado.

Tabela 3.3: Aumento no limite superior da faixa de conforto em relação à velocidade do ar.

Velocidade média do ar	Temperatura
0,6 m/s	1,2 °C
0,9 m/s	1,8 °C
1,2 m/s	2,2 °C

Fonte: ASHRAE Standard 55 (2017).

Como o modelo de ventilação natural do programa Energy-Plus não calcula a velocidade do ar dentro das zonas, a consideração foi aplicada após as simulações, no momento da avaliação do conforto térmico em cada *timestep*. A consideração da velocidade do ar foi realizada de acordo com a Equação 3.2.

$$T_{sup} = T_{sup,0} + T_{v_{ar}} \quad (3.2)$$

Onde:

T_{sup} é igual à temperatura limite superior na faixa de conforto, considerando-se a velocidade do ar (°C);

$T_{sup,0}$ é igual à temperatura limite superior na faixa de conforto definida pelo método adaptativo, sem considerar a velocidade do ar (°C);

$T_{v_{ar}}$ é igual à margem extra de temperatura permitida pela consideração da velocidade do ar (°C).

3.2 SIMULAÇÃO TERMOENERGÉTICA

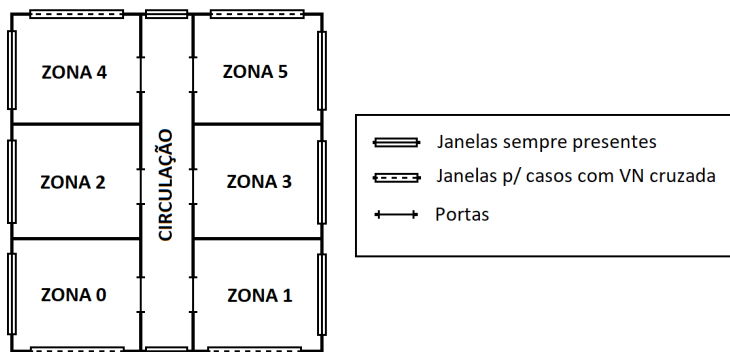
3.2.1 Simulação detalhada

Sabendo-se que o metamodelo prediz o conforto térmico baseado no método adaptativo da ASHRAE Standard 55 (2017), o principal dado de saída a se obter nas simulações foi a temperatura operativa da zona térmica, assim como a temperatura do ar externo. Portanto, todo o desenvolvimento das simulações termoenergéticas do trabalho foi voltado para que se obtivesse, com boa precisão, a temperatura operativa das zonas térmicas e, posteriormente, a sua

relação com a temperatura do ar externo, chegando-se ao indicador de conforto térmico.

As simulações foram realizadas através do programa de simulação computacional EnergyPlus 8.9 (DOE, 2018) e os modelos simulados foram obtidos a partir da parametrização de uma tipologia base, que permite a variação de diferentes parâmetros. A maioria desses parâmetros são numéricos e podem ser variados de forma contínua. Inicialmente, cada simulação representou um pavimento de uma edificação com seis salas de escritórios, onde cada sala representava uma zona térmica (Figura 3.2). O solo foi modelado pelos objetos do *Ground Domain*, nos casos onde o contato com solo foi considerado. As superfícies superiores e inferiores consideradas adjacentes a outros pavimentos do edifício foram modeladas como adiabáticas.

Figura 3.2: Croqui da tipologia base



A partir da tipologia base, foi possível definir diferentes proporções geométricas, levando-se em consideração a largura e profundidade da edificação, assim como o pé-direito. Também foram parametrizadas a altura do pavimento e a orientação solar da edificação. Devido a limitações na obtenção dos coeficientes de pressão (C_p) para as faces externas da edificação, as edificações foram modeladas com pavimentos de forma retangular.

A parametrização nas propriedades termofísicas das paredes e vidros permitiu a consideração de diferentes materiais construtivos, possibilitando a descrição de uma quantidade significativa do

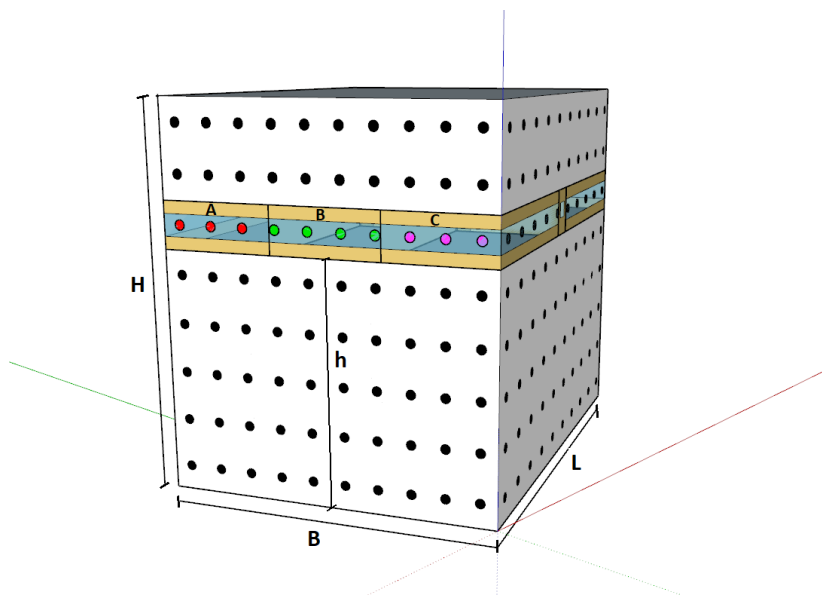
universo de casos aplicáveis às edificações de escritórios consideradas.

Para considerar o uso de ventilação natural (VN), é fundamental a modelagem das trocas de ar nos escritórios. A modelagem da VN nas simulações foi realizada com os objetos do *Airflow-Network* (AFN) do EnergyPlus (DOE, 2018). Para possibilitar trocas de ar, elementos de ligação do AFN foram modelados em todas as zonas térmicas. Todas as aberturas foram modeladas utilizando-se o objeto *AirflowNetwork:MultiZone:Component:DetailedOpening*. Cada sala foi modelada com uma porta, voltada para a circulação. Na circulação, além das portas das salas, duas janelas foram modeladas, uma em cada extremidade. Salas com apenas uma fachada foram modeladas com uma janela; salas com duas fachadas foram modeladas com uma ou duas janelas. Isso possibilitou explorar casos com diferentes configurações de exposição das superfícies, considerando-se VN unilateral e cruzada. As dimensões das janelas das salas foram parametrizadas de acordo com o percentual de abertura da fachada (PAF), permitindo diferentes frações de abertura para representar diferentes modelos de janela encontrados nas edificações de escritórios existentes no banco de dados. O controle das janelas foi estabelecido pela diferença de temperatura entre o ar externo e o ar da zona. As trocas de ar nas portas foram modeladas apenas por frestas, por considerar-se que portas de escritórios não ficam abertas normalmente. Os coeficientes de pressão nos nós externos à edificação foram definidos através da base de dados da Universidade Politécnica de Tóquio (TPU) (TPU, 2018), e para cada janela foi utilizado o valor médio dos pontos disponíveis para sua área na fachada. No exemplo da Figura 3.3, considerando-se uma edificação com proporções B:L:H, e um pavimento na altura h , o C_p da janela A seria igual a média dos valores disponíveis para os pontos vermelhos, o C_p da janela B seria igual a média dos valores dos pontos verdes, e assim por diante.

3.2.2 Simulação simplificada

Nesta etapa do método, buscou-se simplificar o modelo de escritório desenvolvido no EnergyPlus, atentando-se às limitações relacionadas à simplificação do modelo. O objetivo de gerar um metamodelo por meio de redes neurais artificiais (RNA) para se obter a EHF faz com que se busque parametrizar ao máximo as simulações no EnergyPlus. Essa parametrização pode facilitar o desenvolvimento de amostras para a pesquisa, assim como garantir

Figura 3.3: Exemplo de como os Cp's foram considerados



uma relação mais direta dos parâmetros de entrada com os dados de saída. Dentre as simplificações consideradas, estão:

- cálculo do C_p através do método analítico, em vez dos valores obtidos por medições em túnel de vento pela TPU;
- representação dos materiais da envoltória através de duas camadas: uma camada representando a capacidade térmica, e uma camada para regular a transmitância;
- modelagem da zona que representa apenas um escritório, sem modelar as demais zonas térmicas da edificação. Para isso, são definidas as condições de contorno relacionadas às faces da zona correspondentes a paredes adjacentes à edificação;
- definição de um coeficiente de fluxo mássico de ar relacionado à infiltração de ar pela porta, e do valor do C_p relacionado a essa porta, que no modelo de uma zona está voltada para o ambiente externo, e não para a circulação.

O impacto nos resultados das simulações foram verificados para cada uma das simplificações mencionadas, a partir da análise de diversos casos amostrados pelo método de amostragem do hipercubo latino (LHS). O tamanho das amostras foi definido em relação ao tempo disponível para executar as simulações. Finalmente, foi definida a forma mais adequada de se simplificar o modelo, assim como a margem de erro que espera-se encontrar ao assumir tais simplificações. A seguir, cada uma dessas etapas é descrita.

Cálculo do coeficiente de pressão pelo método analítico

O EnergyPlus, através do AFN, possui uma opção para calcular automaticamente os C_p 's para as simulações. Quando essa opção é escolhida o programa gera apenas um C_p por fachada da edificação, e os valores podem ser obtidos por dois algoritmos diferentes: no caso de edificações altas (*highrise*), utiliza-se o modelo de AKINS et al. (1979); no caso de edificações baixas (*lowrise*), utiliza-se o modelo de Swami e Chandra (1988). Enquanto que pelo método analítico (MA) os C_p 's podem ser obtidos para quaisquer razões entre as dimensões das fachadas da edificação, os valores medidos em túnel de vento pela TPU são fornecidos para edificações com proporções entre largura, profundidade e altura específicas. Os valores de C_p para o tipo de edificação abordada neste estudo são disponibilizados pela TPU para 25 geometrias diferentes, das quais 13 são para edificações *highrise*, e 12 são para edificações *lowrise*.

Para verificar o quanto a fonte escolhida na definição dos C_p 's influencia nos resultados das simulações, inicialmente verificou-se as diferenças entre os valores dos C_p 's das medições em túnel de vento (fornecidos pela TPU), e os valores dos C_p 's obtidos pelo MA (algoritmos do EnergyPlus). Para cada uma das 25 geometrias disponíveis, calculou-se a diferença entre os C_p 's, de acordo com a Equação 3.3.

$$\overline{\Delta}_{C_p} = \frac{\sum_{i=1}^4 \sum_{j=0}^{11} |\overline{C_{p_{f_i, \alpha_j}}}^{TPU} - C_{p_{f_i, \alpha_j}}^{MA}|}{48} \quad (3.3)$$

Onde:

$\overline{\Delta}_{C_p}$ é igual à diferença absoluta média entre os valores dos C_p 's obtidos pela base da TPU e obtidos pelo MA;

$\overline{C_{p_{f_i, \alpha_j}}}^{TPU}$ é igual ao valor médio dos C_p 's disponibilizados pela base de dados da TPU para a fachada i de uma edificação, para o ângulo de incidência do vento igual a α_j ;

Cp_{f_i, α_j}^{MA} é igual ao Cp calculado pelo MA para a fachada de uma edificação com proporções iguais às da fachada i , para o ângulo de incidência do vento igual a α_j ;

f_i é a fachada i da edificação avaliada;

α_j é o ângulo de incidência do vento sobre a fachada, em graus, e tem valor igual a $30 \cdot j$.

A partir dessas diferenças entre os valores dos Cp 's ($\overline{\Delta}_{Cp}$), escolheu-se a geometria com a maior diferença absoluta média como modelo base na análise da influência nos resultados das simulações no EnergyPlus. Esta análise foi conduzida gerando-se uma amostra de 1.000 casos pelo LHS. Os parâmetros variados e seus limites mínimos e máximos foram definidos pela metodologia do item 3.1.1, com exceção da razão entre a largura e profundidade das zonas e a altura do pavimento em relação ao solo. A razão entre a largura e profundidade das zonas teve que ser alterada de acordo com a variação da área das salas, para se ajustar à geometria da edificação definida como modelo base da análise. A altura do pavimento em relação ao solo também foi limitada pelas proporções da geometria escolhida para o modelo base. Vale destacar que a base da TPU permite a obtenção de diferentes Cp 's para diferentes janelas de uma mesma fachada, enquanto que nas simulações baseadas no MA, utiliza-se apenas um valor de Cp por fachada, devido à limitação do método. Para cada caso da amostra gerada, foram simulados um modelo com Cp 's baseados no MA, e um modelo com Cp 's baseados na base da TPU (túnel de vento). Assim, as médias anuais das trocas de ar por hora (ACH) e a EHF foram comparadas entre as simulações.

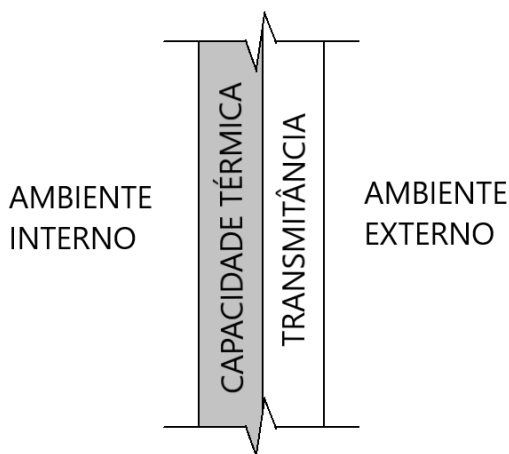
Representação da envoltória com duas camadas

Para possibilitar a parametrização contínua e independente das propriedades termofísicas da envoltória, considerou-se a utilização de uma parede com propriedades equivalentes, modelada com uma camada de concreto, para representar a capacidade térmica, e uma camada modelada com o objeto *Material:NoMass*, para regular a transmitância (Figura 3.4).

A validação da modelagem simplificada da parede foi realizada para dois tipos de paredes referência:

- parede de gesso com lã de rocha;
- parede de alvenaria e reboco.

Figura 3.4: Parede equivalente



Como a modelagem da parede de alvenaria possui uma camada de ar no meio da parede, avaliou-se a possibilidade de considerar apenas a metade interna desta parede referência para definir a capacidade térmica de sua parede equivalente. Essa consideração parte do pressuposto de que a camada interna de ar faz com que a inércia térmica da metade exterior da parede não influencie consideravelmente a zona térmica analisada.

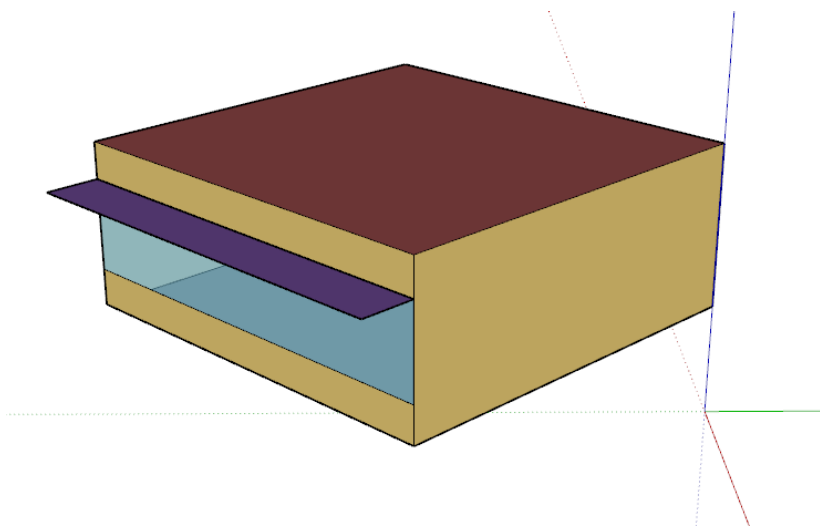
Para validar essa simplificação, gerou-se uma amostra utilizando LHS, com 100 casos. Os parâmetros variados e seus limites mínimos e máximos foram definidos pela metodologia do item 3.1.1, com exceção da transmitância e capacidade térmica da parede. Cada caso da amostra foi simulado com os dois tipos de paredes diferentes, e suas paredes equivalentes. No caso da parede de alvenaria, dois modelos de parede equivalente foram desenvolvidos: considerando a capacidade térmica total da parede, e considerado apenas metade da capacidade térmica. A partir dos resultados, observou-se a diferença média entre as temperaturas operativas das zonas simuladas com as paredes referências em relação às simulações com as respectivas paredes equivalentes. O mesmo foi

realizado comparando-se a EHF.

Condição de contorno das paredes adjacentes à edificação

Simular apenas uma zona térmica, em vez de um edifício inteiro, ou um pavimento com diversas zonas, possibilita a simulação de casos diversos em menor tempo. Essa consideração facilita a parametrização do modelo, e pode oferecer resultados satisfatórios se for adequadamente implementada. A partir dessa premissa, foi desenvolvido um modelo com apenas uma zona térmica (Figura 3.5).

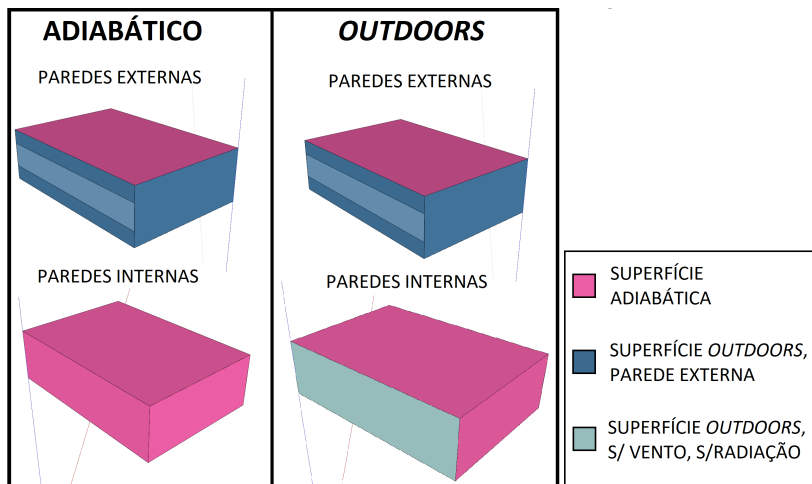
Figura 3.5: Modelo de uma zona



Para modelar essa zona, considerou-se as paredes correspondentes a superfícies voltadas para outros escritórios como adiabáticas. A superfície que representa a parede voltada para a circulação foi avaliada com duas condições de contorno: 1) como adiabática, e 2) como *outdoors*, sem incidência de vento ou sol (Figura 3.6). A consideração do uso da condição *outdoors* foi pela hipótese de que, sem a radiação solar direta e sem o aumento de convecção causada pelo vento, a temperatura do ar da zona da circulação (por não ter cargas internas consideráveis) poderia se manter mais próxima à

temperatura do ar externo do que às das zonas das salas de escritórios.

Figura 3.6: Modelagem com parede adiabática e *outdoors*



A modelagem da ventilação natural sofre um impacto significativo quando o escritório é modelado como apenas uma zona térmica. Esse impacto é devido à forma como a rede de fluxo de ar é distribuída. No caso do modelo referência, a porta é voltada para a circulação, enquanto que no caso de uma única zona térmica, a porta desta zona é voltada para o ambiente externo. Além disso, não é possível modelar uma porta em uma parede adiabática. Para não deixar a diferença na ventilação natural influenciar as análises comparativas entre as simulações, a ventilação natural não foi modelada para esta etapa. Em vez disso, as simulações foram desenvolvidas com uma taxa de infiltração de ar constante durante a ocupação. O valor escolhido para a taxa de renovação de ar foi igual ao valor médio do ACH obtido na etapa da comparação entre os Cp's, que é igual a 30 ACH.

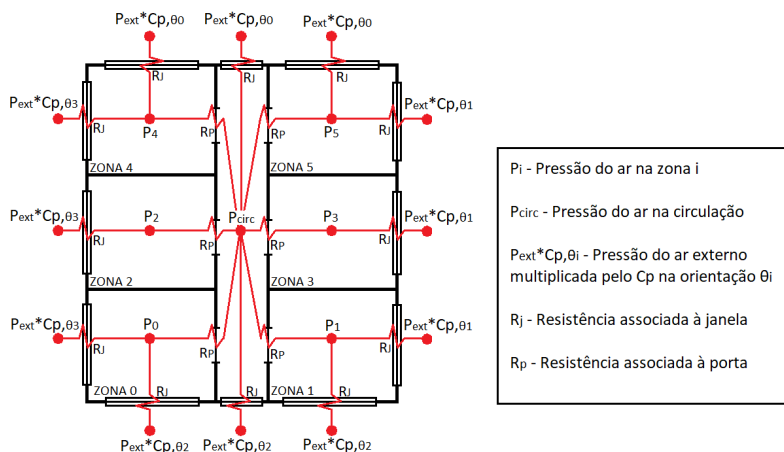
A amostra gerada pelo LHS nesta etapa foi de 100 casos. Os parâmetros variados e seus limites mínimos e máximos foram definidos pela metodologia do item 3.1.1. Para cada caso gerado pelo LHS, além da simulação detalhada, seis modelos de uma zona foram simulados, correspondendo a cada uma das zonas do modelo detalhado. Para validar o uso de diferentes condições de contorno,

comparou-se os resultados de EHF e temperaturas operativas das simulações de uma zona térmica com os resultados obtidos para as zonas térmicas das simulações detalhadas. A condição de contorno com menores diferenças médias absolutas, de temperatura operativa e EHF, foi escolhida para se conduzir as simulações simplificadas.

Modelagem da ventilação natural na simulação simplificada

A modelagem da ventilação natural na simulação simplificada deve ser adaptada para se ter resultados correspondentes ao esperado em relação à simulação detalhada, pois enquanto a rede de fluxo de ar na simulação detalhada é modelada de acordo com a Figura 3.7, na simulação simplificada essa rede é modelada de acordo com a Figura 3.8.

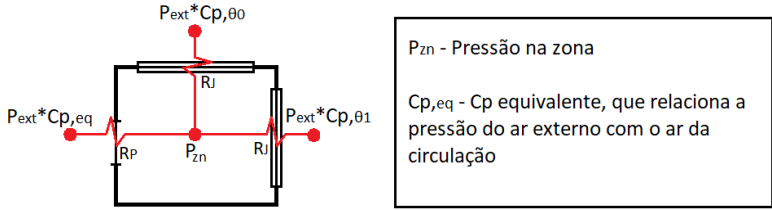
Figura 3.7: Rede de fluxo de ar na simulação referência



A proposta para contornar esse problema foi desenvolvida a partir da hipótese de que, na simulação simplificada, seria possível criar um C_p associado à porta (C_{peq}), capaz de descrever as diferenças de pressão de ar entre a circulação e a sala.

Quando o objeto *AirflowNetwork:MultiZone:Component: DetailedOpening* é utilizado, o cálculo do fluxo de ar entre dois pontos é feito pela Equação 3.4, se a porta/janela está aberta, ou pela

Figura 3.8: Rede de fluxo de ar na simulação simplificada



Equação 3.5, que é utilizada para calcular a infiltração de ar quando a abertura está fechada.

$$\dot{m}_{i,j} = C_d \Theta \int_{z=0}^{z=H} \sqrt{2\rho(P_{i(z)} - P_{j(z)})} W dz \quad (3.4)$$

$$\dot{m}_{i,j} = C_q \left[2 \int_{z=0}^{z=H} (P_{i(z)} - P_{j(z)})^{exp} dz + W(P_{i(0)} - P_{j(0)})^{exp} + W(P_{i(H)} - P_{j(H)})^{exp} \right] \quad (3.5)$$

Onde:

$\dot{m}_{i,j}$ é o fluxo de ar entre os pontos i e j , quando a porta/janela está aberta (kg/s);

C_d é o coeficiente de descarga da abertura (-);

Θ é a fração de abertura (-);

H é a altura da abertura (m);

ρ é a densidade do ar (kg/m³);

$P_{i(z)}$ é a pressão de ar no ponto i , altura z (Pa);

W é a largura da abertura (m);

$\dot{m}_{i,j}$ é o fluxo de ar entre os pontos i e j , quando a porta/janela está fechada (kg/s);

C_q é o coeficiente de fluxo mássico de ar da abertura (-);

exp é o expoente de fluxo de massa de ar (-).

As seguintes condições de contorno foram estabelecidas para facilitar o cálculo do C_{peq} :

- o valor do exp foi definido como 0,5;

- o valor de ρ foi definido sempre como 1,200 kg/m³;
- os fluxos de ar foram considerados como unidimensionais, portanto os valores de P não variaram com o a altura (z);
- O valor do C_{peq} foi definido assumindo-se que as janelas estariam com sua máxima fração de abertura (Θ).

Em cada *timestep*, a soma dos fluxos de ar que entram e saem de uma zona i é igual a zero. Assumindo-se as condições de contorno descritas, a pressão de ar em cada zona térmica pode ser estimada pela Equação 3.6. Dessa forma é possível encontrar a relação entre as pressões de ar de todas as zonas da simulação de referência.

$$P_{zn} = \frac{\sum_{i=1}^{N_P} P_i (C_q L_i)^2 + \sum_{j=1}^{N_J} P_{ext} C_{p,j} 2\rho (C_d \Theta_j A_j)^2}{\sum_{i=1}^{N_P} (C_q L_i)^2 + \sum_{j=1}^{N_J} 2\rho (C_d \Theta_j A_j)^2} \quad (3.6)$$

Onde:

P_{zn} é a pressão do ar na zona analisada (Pa);

N_P é igual ao número de portas que se conectam à zona (-);

P_i é a pressão de ar na zona ligada pela porta i (Pa);

L_i é igual ao perímetro da porta i (m);

N_J é igual ao número de janelas que se conectam à zona (-);

P_{ext} é a pressão do ar no ambiente externo (Pa);

$C_{p,j}$ é o C_p na superfície da janela j (-);

A_j é igual à área da janela j (m²).

Finalmente, os C_p 's equivalentes (C_{peq}) foram definidos calculando-se a relação entre a pressão de ar na zona da circulação e a pressão do ar no ambiente externo, para cada direção angular do vento, de acordo com a Equação 3.7.

$$C_{peq,\alpha} = \frac{P_{circ}}{P_{ext}} \quad (3.7)$$

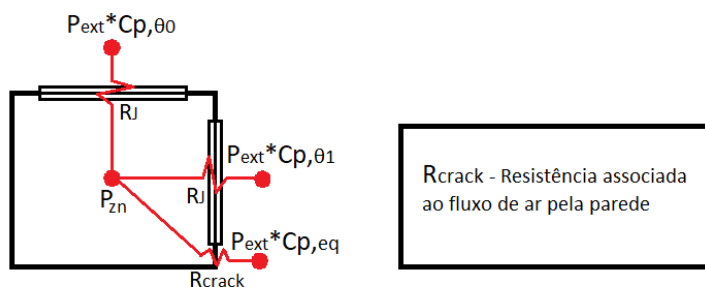
Onde:

P_{circ} é a pressão de ar na circulação;

$C_{peq,\alpha}$ é igual ao C_p equivalente na abertura da porta, para um ângulo de vento α .

Outra limitação relacionada à VN na simulação simplificada é o fato de que o AFN do EnergyPlus não permite modelar aberturas ou qualquer tipo de infiltração de ar em superfícies adiabáticas. Para contornar esse problema, no caso de se modelar uma parede voltada para a circulação como adiabática, é possível associar a infiltração referente à porta a uma outra superfície da zona. Isso se faz possível no momento em que se calcula diretamente os coeficientes de pressão (C_p 's) dos nós relacionados às aberturas da zona térmica. Desta forma define-se o C_p para uma superfície (seja janela ou parede), considerando-se qualquer orientação desejada, e não necessariamente a orientação definida para esta superfície pela geometria do modelo. A modelagem do fluxo de ar pelas portas dos escritórios nas simulações simplificadas foi desenvolvida com o objeto *AirflowNetwork:MultiZone:Surface:Crack*. O motivo para se utilizar este objeto é porque este é um objeto que pode ser associado a qualquer tipo de superfície. Portanto, o objeto do *crack* foi associado sempre à parede externa oposta à parede que estaria voltada para a circulação, como apresentado na Figura 3.9.

Figura 3.9: Solução para infiltração de ar entre a zona e a circulação



Devido a essas considerações, a validação nesta etapa foi conduzida para duas condições: utilizando-se o C_p calculado diretamente pelo método analítico, e utilizando-se o $C_{p_{eq}}$. Estas análises foram conduzidas considerando-se diferentes valores de coeficiente de fluxo mássico de ar para o *crack*, para ajustar o valor mais adequado à taxa de infiltração que se obtém no modelo referência. Os valores considerados foram: 0,10; 0,30; 0,40; 0,45; 0,50; 0,55; 0,6; 0,7; 0,80; e 0,90 kg/s em 1 Pa. Uma amostra de 200 casos foi ge-

rada por LHS. Os parâmetros variados e seus limites mínimos e máximos foram definidos pela metodologia do item 3.1.1. Para cada caso, gerou-se uma simulação referência, mais dez simulações simplificadas. Essas dez simulações devem-se a consideração dos dois métodos para se obter os Cp's, mais os dez valores de coeficiente de fluxo mássico de ar analisados. As comparações foram efetuadas observando-se os resultados de ACH médios e EHF.

3.3 ANÁLISE DE SENSIBILIDADE

Após definir como seriam gerados os modelos para as simulações simplificadas, uma análise de sensibilidade (AS) foi aplicada. Através da AS, a influência dos diferentes dados de entrada variados nas simulações foi avaliada. Com base nos resultados da AS, parâmetros não relevantes nos resultados de temperatura operativa e, consequentemente, fração de horas de desconforto por calor (EHF), foram determinados com valores fixos. Desta forma, o metamodelo foi desenvolvido considerando-se apenas parâmetros com influência expressiva nos dados de saída desejados.

O método de Sobol' (SOBOL', 1993) foi utilizado para a AS, pois permite a identificação de parâmetros influentes, mesmo para casos onde a relação entre as entradas e saídas dos modelos são não-monotônicas e apresentam efeitos colineares.

A AS foi aplicada por meio de programação, utilizando-se a biblioteca *SALib* (HERMAN; USHER, 2017), escrita na linguagem *Python* (Python, 2018). Os casos simulados para conduzir a AS foram amostrados pelo método de amostragem específico da AS de Sobol, pelo qual gerou-se uma amostra de 155.648 casos. Os parâmetros variados e seus limites mínimos e máximos foram definidos pela metodologia do item 3.1.1. A partir dos dados de entrada de cada caso, e dos valores de EHF's resultantes das simulações termoenergéticas, obteve-se índices de sensibilidade para análise de primeira ordem, segunda ordem, e efeitos totais.

3.4 DESENVOLVIMENTO DO METAMODELO

O metamodelo foi desenvolvido por meio de redes neurais artificiais (RNA). A maneira como se descreve as variáveis de entrada dos modelos simulados para o metamodelo a ser desenvolvido pode influenciar na sua precisão e na representação adequada dos fenômenos termofísicos. Portanto, no processo de definição das

variáveis de entrada do metamodelo, busca-se a melhor forma de descrever as diversas características das zonas térmicas. Esse é um processo iterativo, que envolve diferentes variáveis, utilizando-se transformações, normalizações e funções destas. É importante também observar os hiperparâmetros (parâmetros relacionados ao processo de aprendizagem automática) escolhidos no desenvolvimento da RNA. A precisão dos resultados obtidos pela RNA pode depender do número de nós, número de camadas, taxa de aprendizagem, número de iterações, assim como outros parâmetros definidos durante o processo de treinamento.

Ao longo do processo de desenvolvimento do metamodelo, RNAs com diferentes configurações foram testadas, utilizando-se diferentes maneiras de descrever as variáveis de entrada, e diferentes combinações de hiperparâmetros. A base de dados utilizada para o treinamento do metamodelo foi gerada a partir de 20.000 simulações, amostrados pelo método de amostragem do LHS. A amostra utilizada para validação foi composta por 5.000 casos, geradas por LHS. Em ambas as amostras, os parâmetros variados tiveram seus limites mínimos e máximos definidos de acordo com o item 3.1.1, com exceção daqueles parâmetros que tiveram seus valores determinados como fixos na etapa da AS. Os indicadores de precisão utilizados foram o erro absoluto médio e o erro absoluto do 95° percentil. É comum se utilizar a raiz quadrada do erro quadrático médio (RMSE), ou o coeficiente de determinação (R^2) como indicadores de desempenho. Contudo, considerando-se que o dado de saída do metamodelo será uma fração (EHF) com valor entre zero e um, o erro absoluto já é consequentemente um erro relativo. Portanto, conclui-se que o erro absoluto médio, associado ao erro absoluto 95° percentil, pode estimar de maneira mais adequada a imprecisão esperada para os resultados do metamodelo.

A RNA com os melhores indicadores de precisão na etapa de treinamento foi escolhida para ter seu desempenho analisado com uma amostra de teste. A amostra de teste foi utilizada para verificar o desempenho da RNA quando os valores dos parâmetros determinados como fixos na etapa da AS variam. Para isso, utilizou-se a mesma amostra gerada para etapa da AS, pois as simulações já estavam finalizadas, e os casos eram diferentes daqueles utilizados no desenvolvimento da RNA. Ao analisar os indicadores de precisão da RNA em relação às amostras de validação e de teste, o metamodelo final foi definido.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 PARÂMETROS DE ENTRADA

Ao analisar o banco de dados disponibilizado, obteve-se as distribuições de ocorrência em relação aos parâmetros observados (Figura 4.1).

Figura 4.1: Distribuições de ocorrência

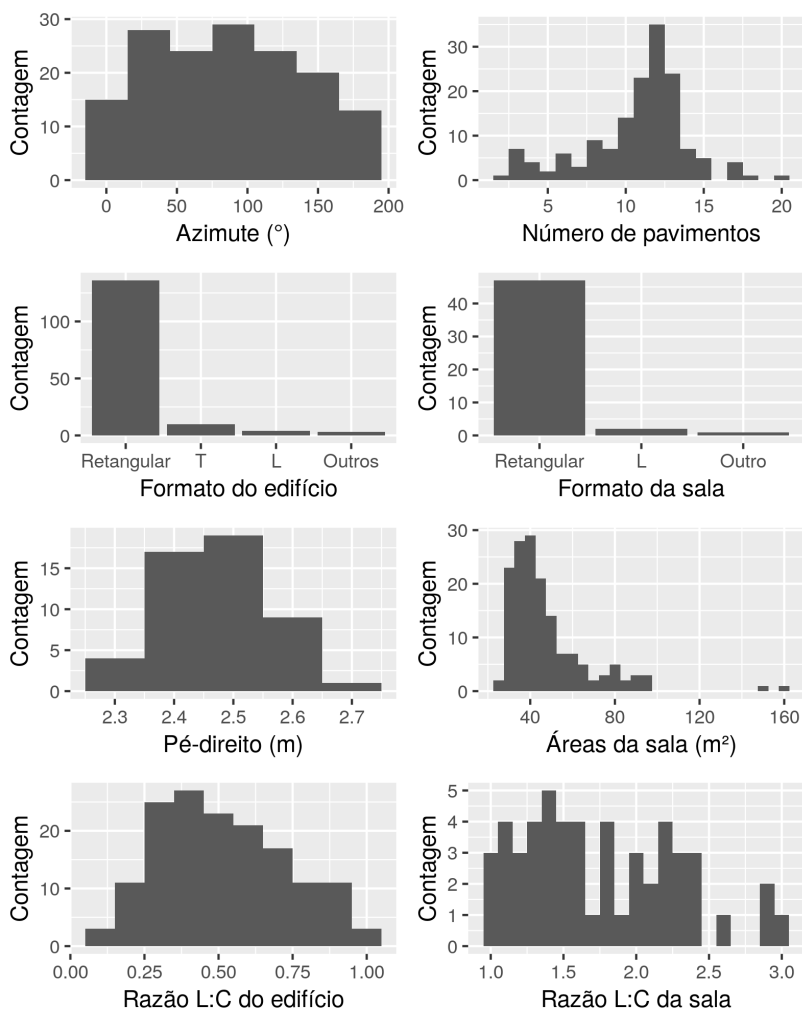
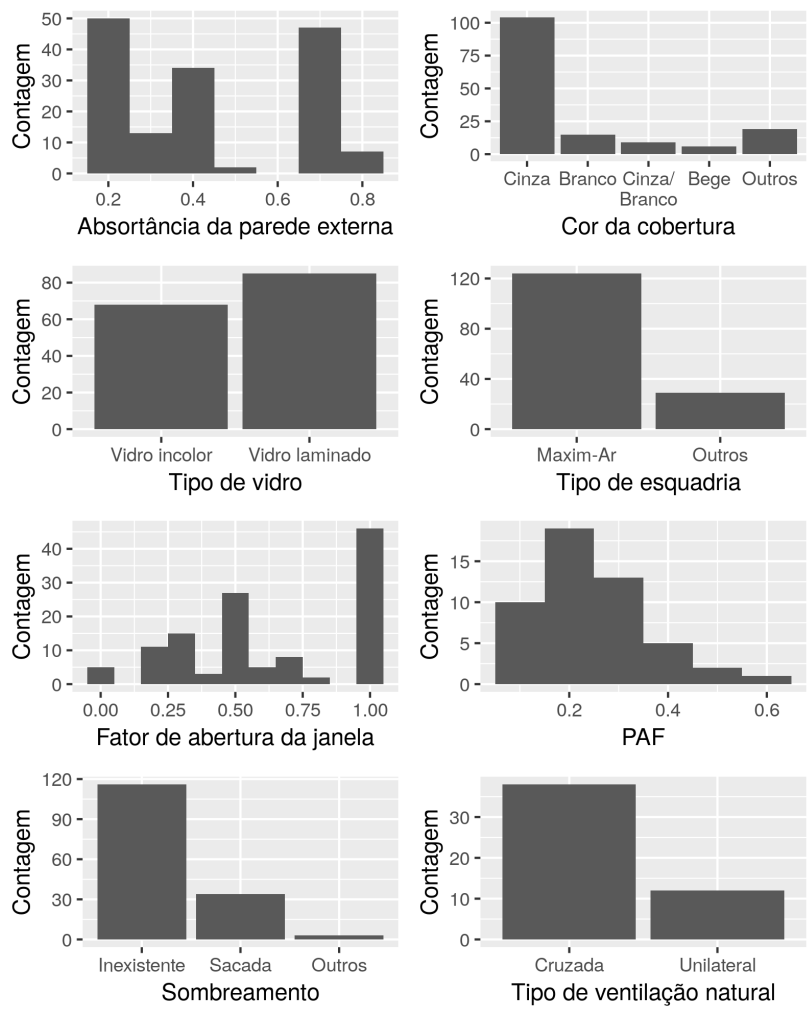


Figura 4.1: *Continuação*



Tanto os edifícios, quanto as salas existentes no banco de dados apresentam predominantemente formato retangular, a partir do qual considera-se que definir as simulações baseando-se em modelos de edificações retangulares, com salas retangulares, representa adequadamente as tipologias de edifícios encontradas na cidade de São Paulo. A absorvância da cobertura foi definida com o valor fixo de 0,7, valor aproximado para uma cobertura de cor cinza.

Observou-se que esquadrias do tipo maxim-ar são predominantes. Os objetos do *Airflow Network* não modelam especificamente este tipo de esquadria. Porém, optou-se por considerar as janelas como não pivotantes. Considerar uma janela como horizontalmente pivotante implicaria na consideração de que a abertura acontece simultaneamente em cima e embaixo da janela. No caso da janela maxim-ar, por mais que a abertura aconteça em um eixo horizontal, apenas a parte inferior da janela abre.

O uso de elementos de sombreamento é pouco explorado nas edificações existentes. De qualquer maneira, considerou-se a modelagem de sombreamento horizontal sobre as aberturas da edificação, por considerar o potencial do sombreamento para bloquear a entrada de radiação nas zonas térmicas simuladas. Esse parâmetro foi variado a partir do ângulo de sombreamento formado entre a base da abertura e a proteção solar, localizada no topo da abertura. A maioria das salas observadas possuem ventilação cruzada, mas a ventilação unilateral é uma estratégia com ocorrência considerável.

As informações relacionadas ao tipo de vidro não permitem definir valores relacionados ao fator solar (FS). Observa-se apenas a ocorrência de vidros laminados e vidro comum incolor. Optou-se por variar o fator solar dos vidros nas simulações para avaliar o impacto deste parâmetro nos resultados de conforto térmico.

Como as simulações de referência foram modeladas como pavimentos da edificação, o parâmetro relacionado ao número de pavimento das edificações foi transformado no parâmetro "altura do pavimento".

A Tabela 4.1 apresenta os limites mínimos e máximos atribuídos aos diferentes parâmetros contínuos variados nas simulações, assim como os parâmetros variados pela lógica "sim/não". A velocidade do ar foi variada com valores discretos, de acordo com a Tabela 3.3 do Capítulo 3.

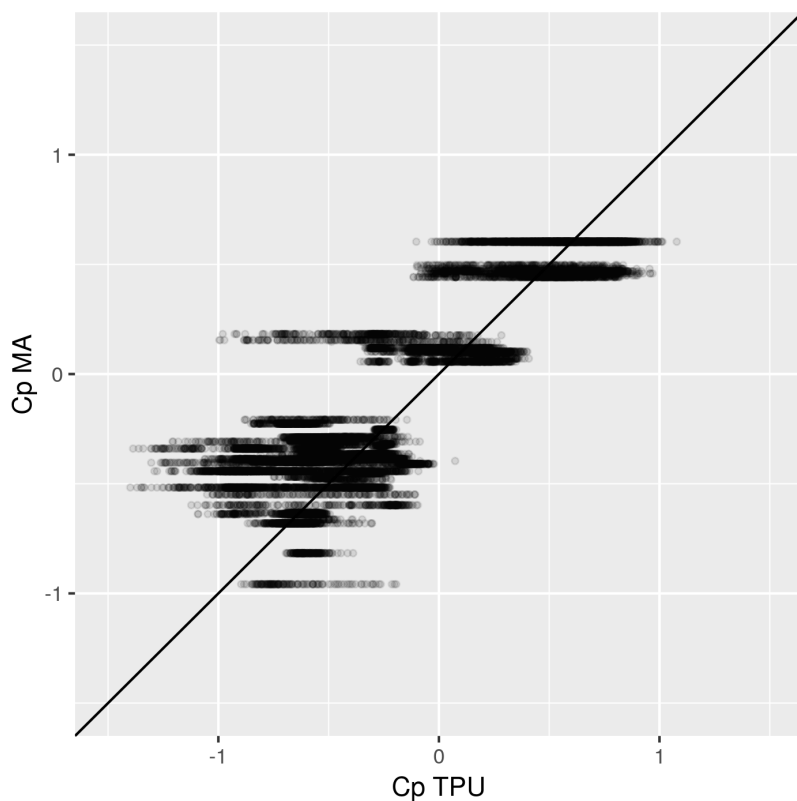
Tabela 4.1: Limites mínimos e máximos dos parâmetros

Parâmetro	Valores
Área da sala (m ²)	20 - 100
Razão L:C da sala (-)	0,4 - 2,5
Pé-direito (m)	2,3 - 3,2
Azimute (°)	0 - 360
Altura do pavimento (m)	0 - 50
Absortância da parede (-)	0,2 - 0,8
Transmitância da parede (W/m ² K)	0,5 - 4,4
Capacidade térmica da parede (kJ/m ² K)	0,22 - 450,00
PAF (-)	0,1 - 0,6
Fator solar do vidro (-)	0,20 - 0,87
Sombreamento (°)	0 - 80
Densidade de ocupação (pessoa/m ²)	0,05 - 0,20
Fator de abertura da janela (-)	0,2 - 1,0
Razão L:C do edifício (-)	0,2 - 1,0
Cobertura exposta	Sim / Não
Piso exposto	Sim / Não
Ventilação	Cruzada / Unilateral
Velocidade do ar (m/s)	0,0 - 1,2

4.2 SIMULAÇÕES SIMPLIFICADAS

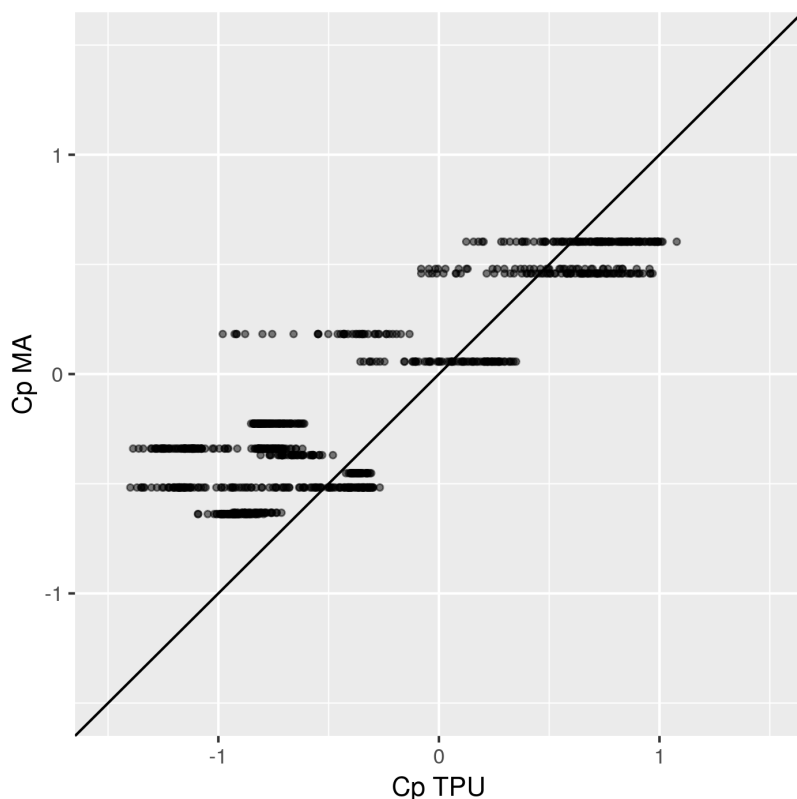
4.2.1 Cálculo do coeficiente de pressão pelo método analítico

Ao comparar os valores dos coeficientes de pressão (C_p 's) das medições em túnel de vento da Universidade Politécnica de Tóquio (TPU) e os valores dos C_p 's obtidos pelo método analítico (MA), obteve-se um gráfico de pontos. A Figura 4.2 apresenta a comparação para as 25 geometrias diferentes, para cada fachada, e para cada ponto disponibilizado pela TPU. Como os valores calculados pelo MA são únicos para cada fachada, e a TPU oferece valores diferentes para diversos pontos ao longo das fachadas, os pontos no gráfico da Figura 4.2 distribuem-se horizontalmente. É possível observar que a faixa de valores dos C_p 's disponibilizados pela TPU é maior do que faixa de valores calculados pelo MA. Enquanto o menor valor de C_p disponibilizado pela TPU é -1,40, e o maior valor é 1,08, pelo MA o valor mínimo é igual a -0,96 e o máximo é igual a 0,60.

Figura 4.2: Comparação entre os valores de C_p das 25 geometrias

Dentre as geometrias analisadas, a proporção com a maior diferença absoluta média entre os valores dos C_p 's foi igual a 0,344, para a geometria da edificação *highrise* com proporções de largura, profundidade e altura igual a 2:1:2 (Figura 4.3).

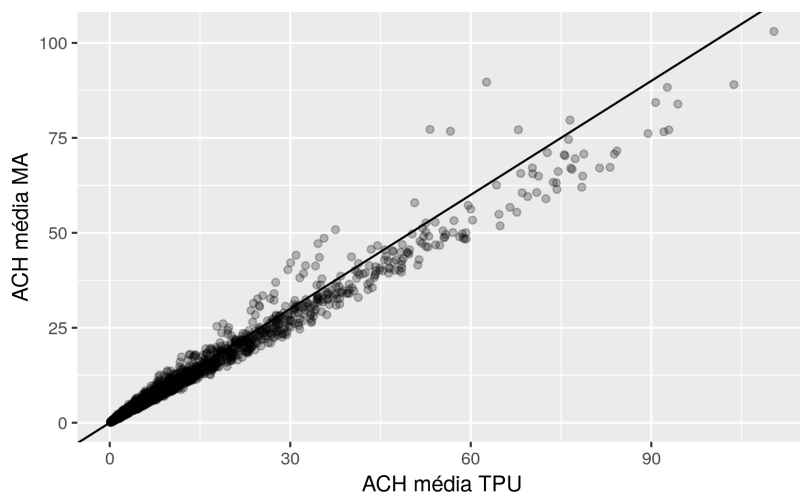
Figura 4.3: Comparação entre os valores de C_p da geometria de proporções 2:1:2



A partir da comparação conduzida, decidiu-se comparar as diferenças nos resultados de simulações termoenergéticas utilizando como base uma tipologia com proporções de largura, profundidade e altura igual a 2:1:2.

Os resultados das 1000 simulações foram comparados por gráficos de pontos. A comparação entre as médias anuais de trocas de ar por hora (ACH), apresentada na Figura 4.4, mostra que o MA faz com que as simulações subestimem as trocas de ar nas simulações, possivelmente devido aos menores valores dos C_p 's obtidos pelo método. A diferença média foi igual a -0,67 para o ACH, com o erro absoluto do 95º percentil (AE95) é igual a 5,23 ACH.

Figura 4.4: Comparação entre as médias anuais do ACH



Apesar dessas diferenças nas trocas de ar, a comparação entre as temperaturas operativas médias, apresentada na Figura 4.5, mostra que a diferença média da temperatura operativa é $0,04\text{ }^{\circ}\text{C}$, sendo que o AE95 é igual a $0,31\text{ }^{\circ}\text{C}$. Essas diferenças são confirmadas como pouco significativas ao se analisar a Figura 4.6, com a comparação da fração de horas em desconforto (EHF). A média de diferença do EHF nos casos analisados foi igual a $0,0037$, com o AE95 igual a $0,0277$. Por tanto, considerou-se que a utilização do MA para calcular os valores dos Cp's é uma alternativa adequada para a simplificação das simulações termoenergéticas.

Figura 4.5: Comparação entre as médias das temperaturas operativas

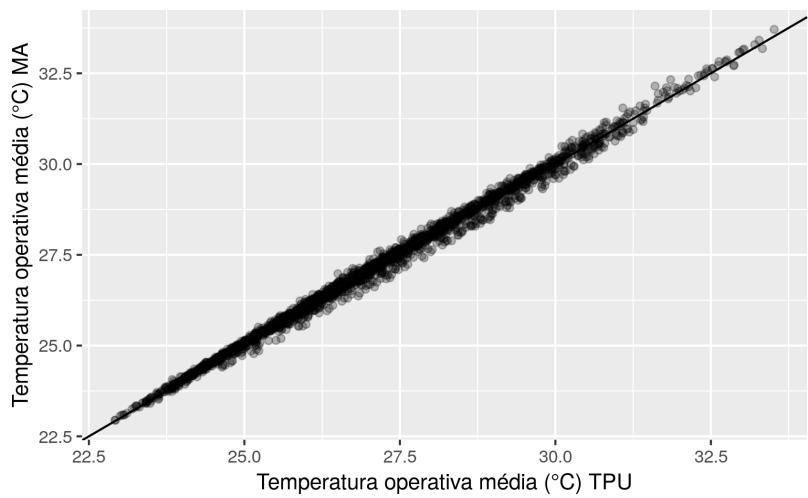
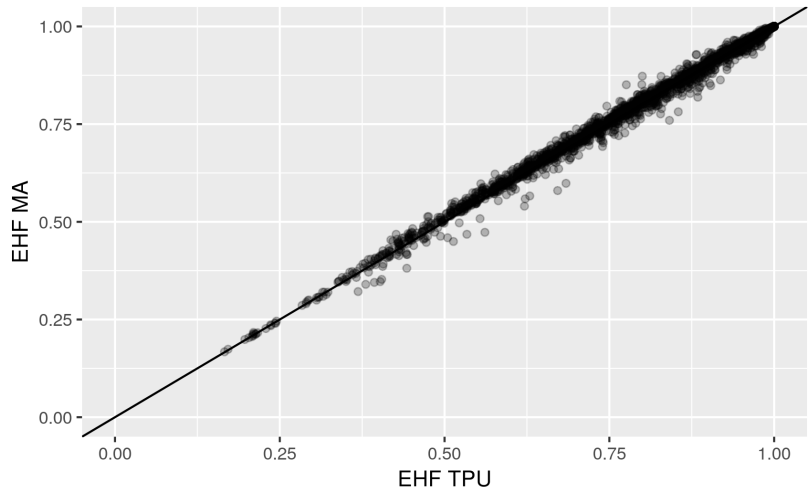


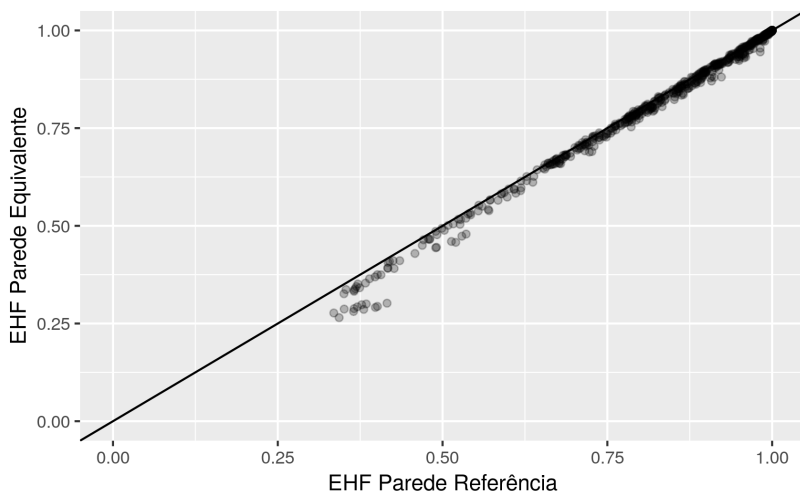
Figura 4.6: Comparação entre os resultados de EHF



4.2.2 Representação da envoltória com duas camadas

Os resultados das simulações com as paredes equivalentes subestimaram o EHF em 0,0107 na média, quando comparados aos resultados das simulações com as paredes de referência. Os resultados das simulações para a parede de gesso com isolamento resultaram em um erro absoluto médio igual a 0,0100, e um AE95 igual a 0,0604 para o EHF (Figura 4.7).

Figura 4.7: Comparação entre os resultados de EHF para a parede de gesso com isolamento



A representação da parede de alvenaria apresenta-se mais adequada considerando-se apenas metade da parede para definir a capacidade térmica. Enquanto que, para a parede com a capacidade térmica total o erro absoluto médio foi igual a 0,0209, e o AE95 foi igual a 0,0650, para a parede de alvenaria com metade da capacidade térmica considerada, o erro médio absoluto foi igual a 0,0189, e o AE95 foi igual a 0,0604.

Figura 4.8: Comparação entre os resultados de EHF para a parede de alvenaria com capacidade térmica total

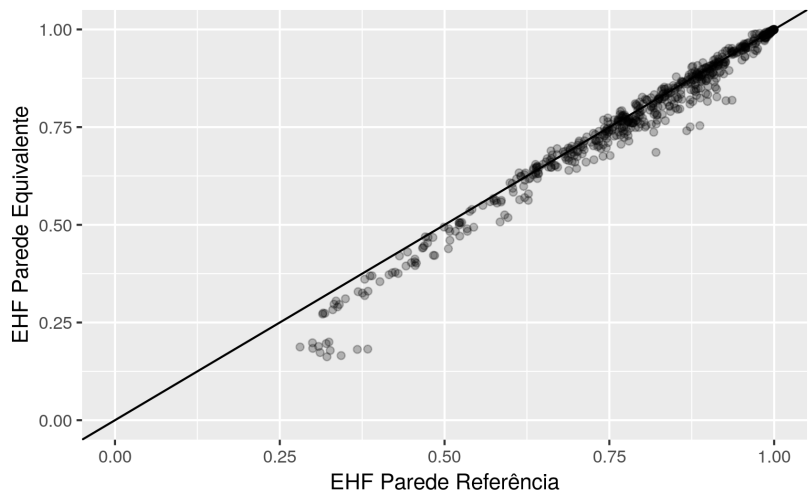
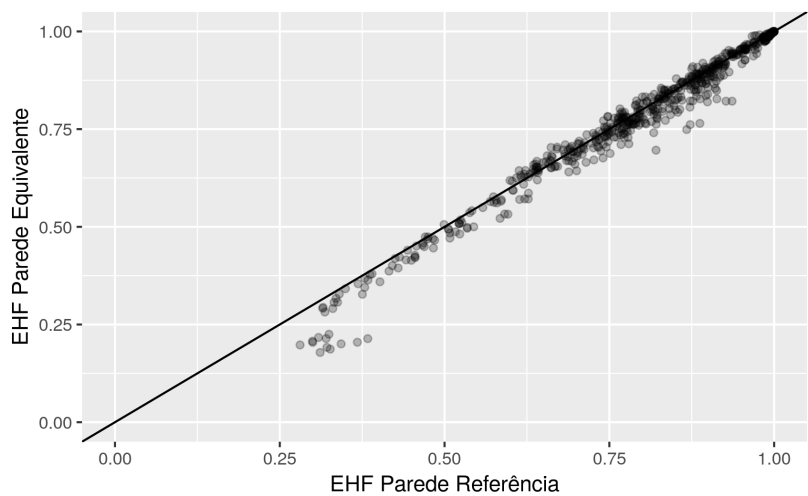


Figura 4.9: Comparação entre os resultados de EHF para a parede de alvenaria com metade da capacidade térmica

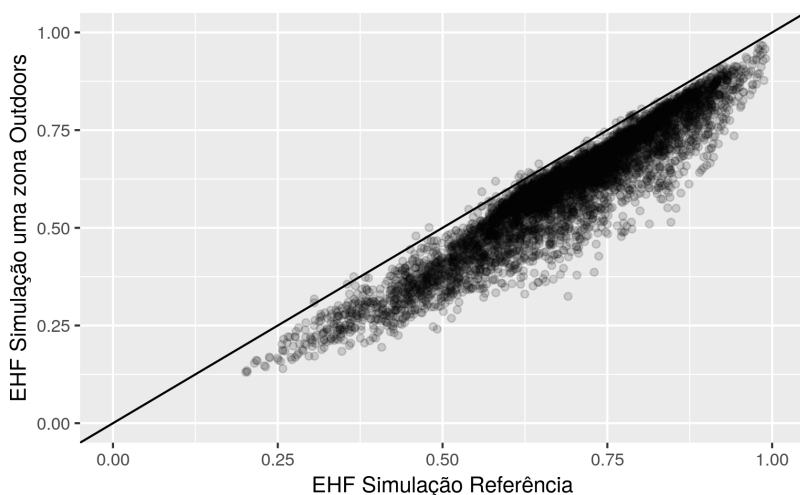


O caso com as maiores diferenças no EHF foi para uma edificação em contato com o solo, com cobertura exposta, e um fator de abertura da janela igual a 0,23. Apesar das diferenças nos resultados, o uso da parede equivalente facilita a parametrização da transmitância térmica e da capacidade térmica. Por esse motivo, considerou-se as diferenças pouco significativas, e a parede equivalente foi adotada para simplificar as simulações.

4.2.3 Condição de contorno das paredes adjacentes à edificação

A simplificação das simulações adotando-se apenas uma zona térmica foi avaliada para duas condições de contorno. Os resultados mostram que a maneira mais adequada de representar as paredes adjacentes à circulação da edificação é considerando-as como adiabáticas. Considerar as paredes adjacentes à circulação como *Outdoors*, faz com que os resultados do EHF sejam subestimados em 0,0868 em média, como AE95 igual a 0,1865 (Figura 4.10).

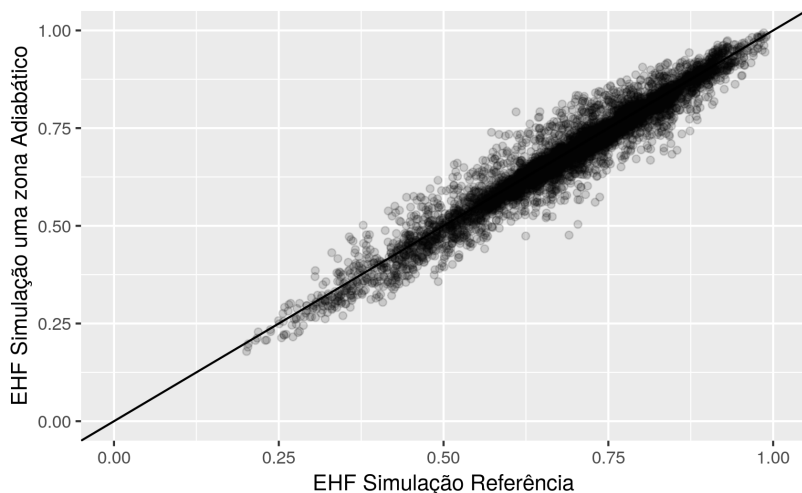
Figura 4.10: Comparação entre os resultados de EHF para parede *Outdoors*



Os resultados das simulações considerando-se as paredes voltadas para o corredor como adiabáticas subestimaram o EHF em

0,0051 na média, como AE95 igual a 0,0804 (Figura 4.11).

Figura 4.11: Comparação entre os resultados de EHF para parede adiabática



A partir dos resultados obtidos, definiu-se as paredes voltadas para a circulação como adiabáticas no desenvolvimento das simulações simplificadas.

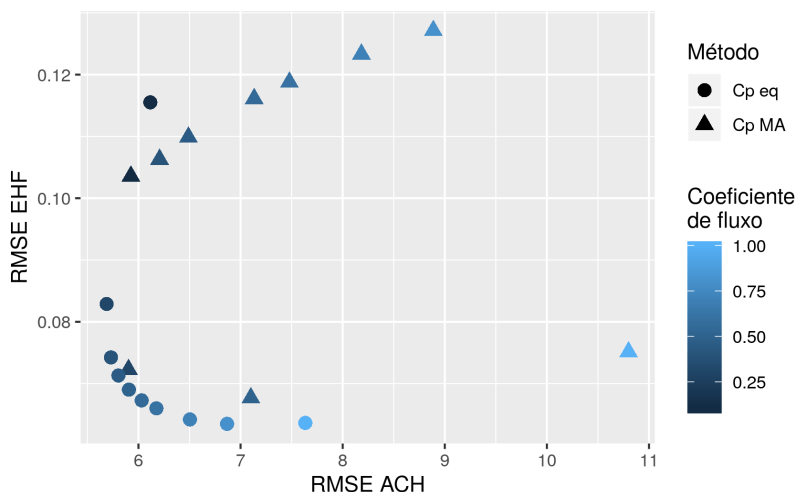
4.2.4 Modelagem da ventilação natural na simulação simplificada

Nesta etapa do trabalho as simulações foram conduzidas para se obter duas respostas: (1) se é adequado o uso do coeficiente de pressão equivalente (C_{peq}) para ser associado à porta da zona térmica; (2) qual deveria ser o coeficiente de fluxo mássico de ar adotado para o objeto *AirflowNetwork:MultiZone:Surface:Crack*.

Para analisar simultaneamente o desempenho do C_{peq} e dos coeficientes de fluxo mássico de ar, o gráfico da Figura 4.12 foi gerado, observando-se as raízes dos erros médios quadráticos (RMSE). É possível observar que as simulações desenvolvidas utilizando-se o C_{peq} obtiveram resultados com RMSE menores do que as simulações desenvolvidas utilizando-se o C_p obtido diretamente pelo MA. Para a definir o coeficiente de fluxo mássico de ar, levou-

se em conta inicialmente os erros relacionados ao ACH. No entanto, foi identificada uma fronteira de Pareto entre os erros analisados, que mostra como a busca por menores erros de ACH aumenta os erros relacionados ao EHF. O resultado dessa análise levanta duas suspeitas. A primeira é de que as diferenças maiores nas trocas de ar anulem erros relacionados à definição das paredes adjacentes à edificação como adiabáticas. A segunda hipótese, é de que os maiores erros relacionados ao MACH sejam em casos onde as diferenças nas trocas de ar não sejam relevantes para alterar a temperatura operativa nas zonas térmicas e, consequentemente, o EHF.

Figura 4.12: Eficiência de Pareto entre EHF e ACH médio



Como o desenvolvimento das simulações é voltado para obter a maior precisão possível para os resultados de EHF, optou-se por definir o coeficiente de fluxo mássico de ar com valor igual a 0,8, pois as simulações desenvolvidas utilizando-se este valor estão na fronteira de Pareto, e resultaram nos menores erros de EHF.

4.2.5 Análise de sensibilidade

As Figuras 4.13, 4.14 e 4.15 apresentam os resultados das análises de sensibilidade (AS) para efeitos de primeira ordem e efeitos totais, relacionados ao ACH, às temperaturas operativas das zo-

nas, e ao EHF. Os índices apresentados são proporcionais às influências entre os dados de entrada e saída.

Figura 4.13: AS de Sobol dos efeitos de primeira ordem e efeitos totais nas médias anuais de ACH

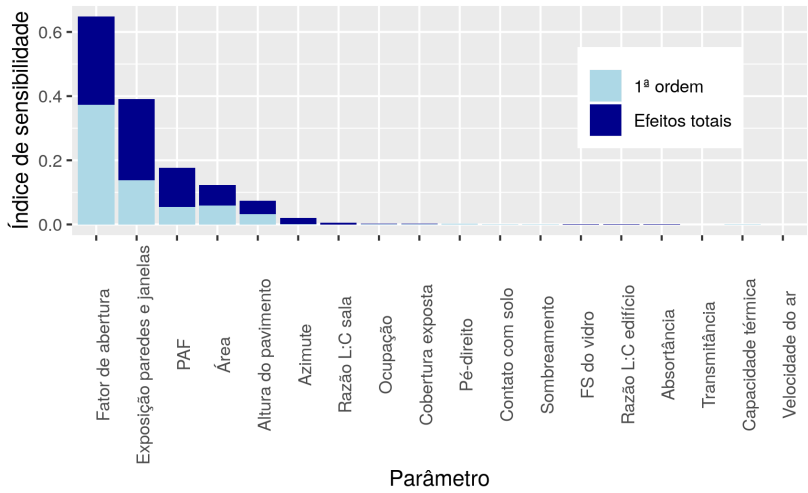


Figura 4.14: AS de Sobol dos efeitos de primeira ordem e efeitos totais nas temperaturas operativas

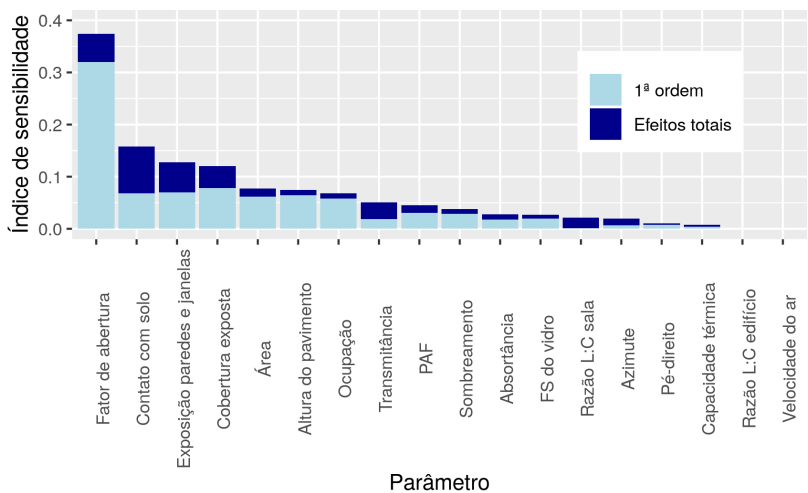
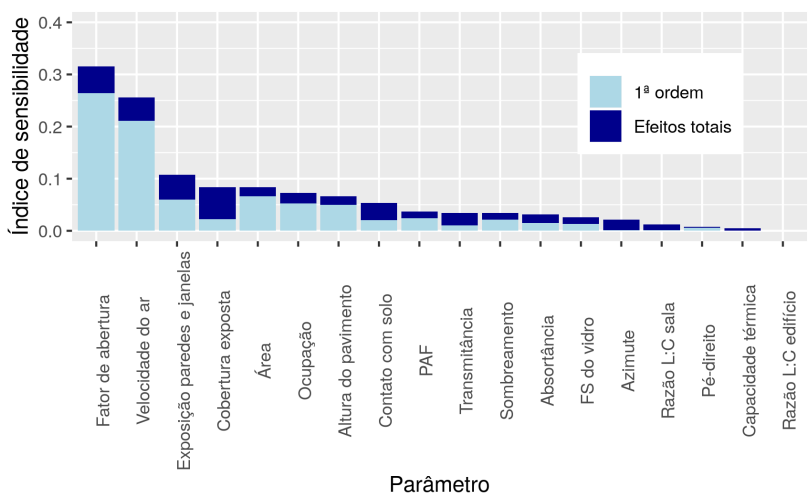


Figura 4.15: AS de Sobol dos efeitos de primeira ordem e efeitos totais no EHF



Os parâmetros mais influentes nas ACH, como esperado, são aqueles relacionados às aberturas da zona. O primeiro parâmetro de maior influência é o fator de abertura das janelas, seguido do parâmetro relacionado à exposição das paredes e à presença de VN cruzada ou unilateral. A área tem influência significativa, pois o cálculo das trocas de ar leva em conta o volume de ar na zona, que é diretamente relacionado à sua área. A altura do pavimento é determinante nos resultados do ACH, pois a velocidade do vento no EnergyPlus é calculada em função da altura da zona. A orientação da zona (azimute) não tem uma influência significativa de primeira ordem. No entanto, percebe-se uma influência mais significativa considerando-se os efeitos totais. O azimute é determinante para a definição dos coeficientes de pressão sobre as fachadas da edificação. Por isso, a influência deste parâmetro nos resultados das simulações depende de outros parâmetros, relacionados ao posicionamento e às áreas das aberturas na zona. A velocidade do ar não influencia os resultados relacionados ao ACH, pois é considerada apenas após o término das simulações, ao se calcular o EHF. A AS apresentou interações de segunda ordem significativas entre o fator de abertura das janelas e a presença de VN cruzada ou unilateral, com um índice de sensibilidade igual a 0,121. Contudo, o parâmetro com maiores interações de segunda ordem relacionados ao ACH foi o PAF, com a soma dos índices de segunda ordem igual a 0,300.

As análises relacionadas à temperatura operativa e ao EHF indicam relevância dos parâmetros relacionados à VN. Para ambas as análises, o parâmetro mais influente foi o fator de abertura da janela, enquanto o parâmetro relacionado à exposição das paredes e à presença de VN cruzada ou unilateral foi o terceiro mais influente. O contato com o solo apresentou-se como o segundo parâmetro mais influente nas médias anuais de temperatura operativa, considerando-se os efeitos totais. No entanto, a influência deste parâmetro não é tão significativa no EHF. Isso indica que a influência do contato com o solo nas temperaturas operativas das zonas é mais significativa em faixas de temperatura que não interferem no cálculo do EHF, ou seja, consideravelmente a cima ou abaixo dos limites superiores de aceitabilidade estabelecidos pelo método de conforto adaptativo. Observa-se que os efeitos totais entre o segundo (contato com o solo) e o quarto (exposição da cobertura) índice de sensibilidade com valores mais altos na AS relacionada à média anual da temperatura operativa são expressivos. A transmissão das paredes, o azimute, e a razão entre a largura e o comprimento da sala também apresentam efeitos totais relevantes, apesar

dos baixos índices de sensibilidade para primeira ordem. Isso indica que há interações significativas entre esses parâmetros e os demais.

O movimento do ar apresenta-se como o segundo parâmetro mais influente nos resultados de EHF, o que indica um grande potencial de uso de ventiladores na busca por conforto térmico nos ambientes. A área da zona e a densidade de ocupação apresentaram-se mais influentes nos resultados de EHF, comparando-se aos resultados relacionados às médias anuais de temperatura operativa. O azimuth, apesar de seu índice de sensibilidade baixo para a análise de primeira ordem, apresentou índices de segunda ordem expressivos. As interações de segunda ordem ocorrem relacionadas a parâmetros referentes à VN e a parâmetros referentes à radiação solar. A soma dos índices de segunda ordem do azimuth em relação ao EHF foi igual a 0,177.

A complexidade dos fenômenos representados junto às interações entre as diferentes variáveis exige um grande número de casos para reduzir incertezas, pois o método de AS utiliza uma base amostral. Por isso, existe uma incerteza associada aos índices de sensibilidade obtidos nas AS conduzidas, e a soma dos valores dos índices ultrapassa o valor 1. Entretanto, a aplicação da análise de sensibilidade global ofereceu resultados relevantes para o trabalho, com índices de sensibilidade condizentes aos comportamentos físicos representados pelas simulações.

Baseando-se nos resultados das AS, alguns dos parâmetros não foram considerados para o desenvolvimento do metamodelo. A Tabela 4.2 apresentam os parâmetros que tiveram seus valores fixos. O valor do pé-direito foi determinado considerando-se o valor encontrado com mais frequência na base de dados analisada. A capacidade térmica da parede foi estabelecida de acordo com o valor de uma parede de bloco cerâmico de dimensões 14x19x29 cm, e argamassa de 2,5 cm. Os parâmetros relacionados às proporções entre largura e profundidade das salas e edifícios foram determinados com valor igual a 1.

Tabela 4.2: Parâmetros com valores constantes.

Parâmetro	Valor fixo
Razão L:C do edifício (-)	1
Razão L:C da sala (-)	1
Pé-direito (m)	2,5
Capacidade térmica (kJ/m ² K)	161

4.2.6 Desenvolvimento do metamodelo

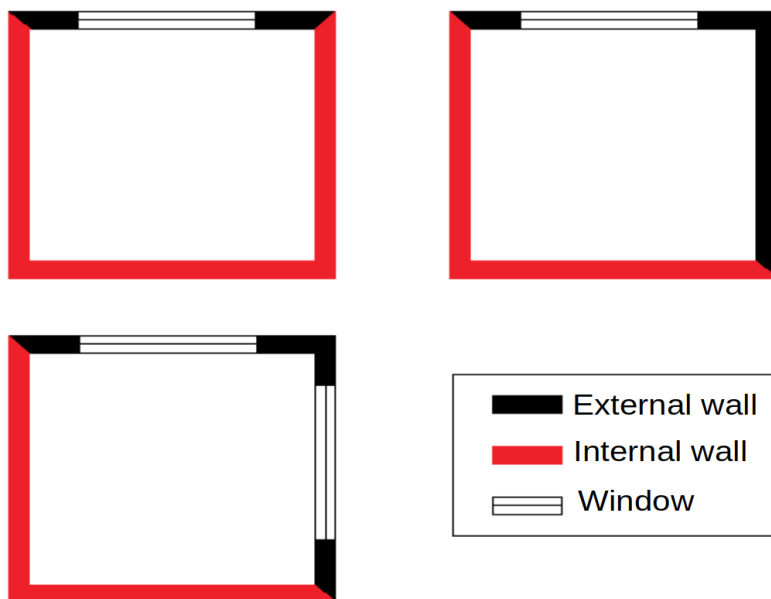
A partir das 20.000 simulações geradas para o treinamento da rede neural artificial (RNA). O metamodelo final foi definido com 14 parâmetros:

- Fator de abertura das janelas;
- Velocidade do ar;
- Condição de exposição das paredes e janelas;
- Área da sala;
- Densidade de ocupação;
- Altura do pavimento;
- Exposição da cobertura;
- Sombreamento horizontal;
- Contato com o solo;
- Transmitância das paredes;
- Absortância das paredes;
- Fator solar do vidro;
- Azimute da sala;
- PAF.

Os parâmetros variaram na mesma faixa de valores estabelecida na primeira etapa deste estudo. O ângulo do azimute da sala é determinado considerando-se o eixo entre a parede voltada para a circulação e a parede oposta.

O contato com o solo e a exposição da cobertura foram definidas como variáveis binárias, com o valor zero correspondendo à superfície adiabática, e 1 correspondendo à exposição. O parâmetro que representa a condição de exposição das paredes e janelas não foi representado com valores numéricos, e sim como uma variável de fatores, com cinco opções de exposição. Além das três opções apresentadas na Figura 4.16, considerou-se as exposições espelhadas. Os demais parâmetros foram normalizados com valores entre -1 e 1.

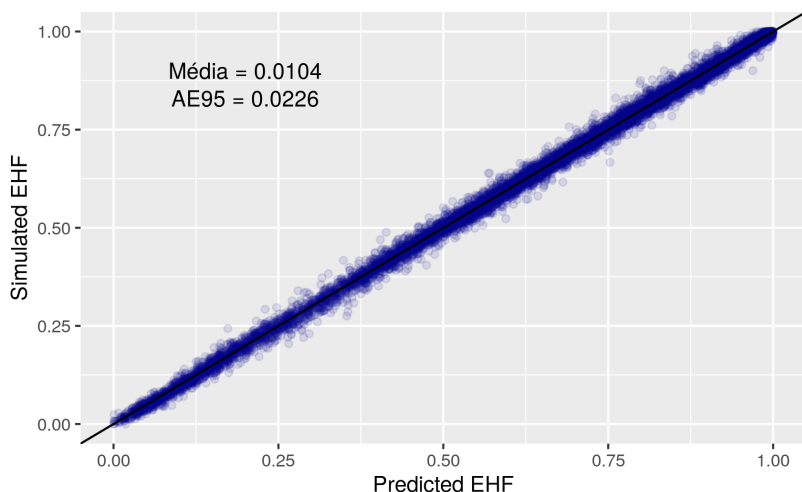
Figura 4.16: Condição de exposição das paredes e janelas.



O modelo de RNA final foi definido com duas camadas, umas de 50 nós, e a outra com 20. O algoritmo de otimização que obteve o melhor desempenho foi o *Adagrad's Optimizer*, disponibilizado pela biblioteca *TensorFlow*, com uma taxa de aprendizagem igual a 0,05.

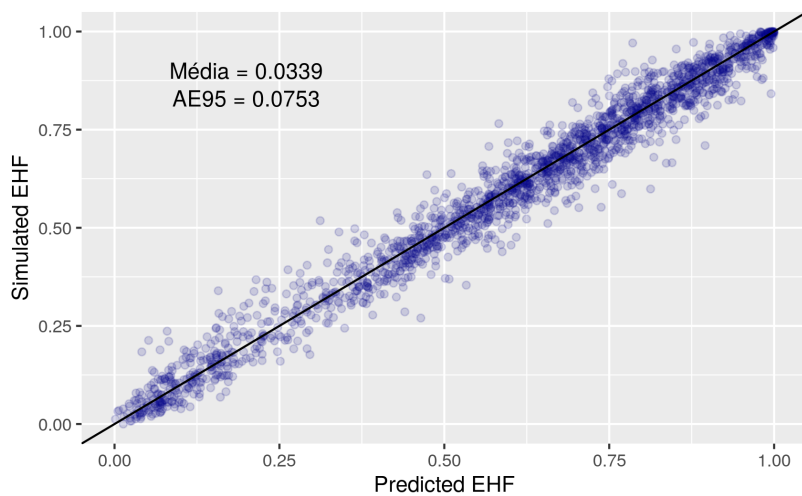
A Figura 4.17 apresenta um gráfico de pontos comparando os resultados de EHF obtidos para as simulações e para as estimativas da RNA, a partir da base de dados desenvolvida para a validação do metamodelo. A base de dados para a validação teve apenas os parâmetros incluídos no treinamento da RNA variados. O erro absoluto médio do EHF para os casos de validação foi 0,0104, com o AE95 igual a 0,0226.

Figura 4.17: Condição de exposição das paredes e janelas.



Outra comparação foi conduzida com a amostragem utilizada para a AS. Essa base de dados estava disponível, e não foi utilizada para o desenvolvimento da RNA, então ela foi escolhida para testar o desempenho da RNA quando todos os parâmetros avaliados neste estudo variam. A Figura 4.18 apresenta o gráfico de pontos comparando os resultados de EHF obtidos para as simulações e para as estimativas da RNA, a partir da base de dados da AS de sobol. O erro absoluto médio do EHF para os casos de validação foi 0,0104, com o AE95 igual a 0,0226.

Figura 4.18: Condição de exposição das paredes e janelas.



5 CONCLUSÕES

5.1 LIMITAÇÕES E JUSTIFICATIVAS

5.2 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKINS, R.; PETERKA, J.; CERMAK, J. Averaged Pressure Coefficients for Rectangular Buildings. In: **Wind Engineering**. Fort Collins, CO. Pergamon Press, NY: [s.n.], 1979. p. 369–380.

ARENDT, K.; KRZACZEK, M.; TEJCHMAN, J. Influence of input data on airflow network accuracy in residential buildings with natural wind- and stack-driven ventilation. **Building Simulation**, v. 10, n. 2, p. 229–238, 2017. ISSN 1996-8744. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s12273-016-0320-5>>.

ASHRAE. **2005 ASHRAE Handbook: Fundamentals**. [S.l.]: American Society of Heating Refrigerating and Air-Conditioning Engineers, 2005.

ASHRAE Standard 55. **Thermal Environmental Conditions for Human Occupancy**. Atlanta: American Society of Heating Refrigerating and Air-Conditioning Engineers, 2013.

ASHRAE Standard 55. **Thermal Environmental Conditions for Human Occupancy**. Atlanta: American Society of Heating Refrigerating and Air -Conditioning Engineers, 2017.

BELLERI, A.; LOLLINI, R.; DUTTON, S. M. Natural ventilation design: An analysis of predicted and measured performance. **Building and Environment**, Pergamon, v. 81, p. 123–138, nov 2014. ISSN 0360-1323. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0360132314001954>>.

BRASIL. **Portaria n.º 163**. [S.l.]: INMETRO, 2009.

BREESCH, H.; JANSSENS, A. Performance evaluation of passive cooling in office buildings based on uncertainty and sensitivity analysis. **Solar Energy**, Pergamon, v. 84, n. 8, p. 1453–1467, aug 2010. ISSN 0038-092X. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0038092X10001891>>.

Carrilho da Graça, G.; LINDEN, P. Ten questions about natural ventilation of non-domestic buildings. **Building and Environment**, Pergamon, v. 107, p. 263–273, oct 2016. ISSN 0360-1323. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S036013231630302X>>.

COOPER, L. Y. **Calculation of the Flow Through a Horizontal Ceiling Floor Vent**. [S.l.]: U.S. DEPARTMENT OF COMMERCE, 1989.

CORGNATI, S. P. et al. Reference buildings for cost optimal analysis: Method of definition and application. **Applied Energy**, Elsevier, v. 102, p. 983–993, feb 2013. ISSN 0306-2619. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0306261912004394>>.

CÓSTOLA, D.; BLOCKEN, B.; HENSEN, J. Overview of pressure coefficient data in building energy simulation and airflow network programs. **Building and Environment**, Pergamon, v. 44, n. 10, p. 2027–2036, oct 2009. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0360132309000444?via=I%3Di>>.

CÓSTOLA, D. et al. Uncertainty in airflow rate calculations due to the use of surface-averaged pressure coefficients. **Energy and Buildings**, Elsevier, v. 42, n. 6, p. 881–888, jun 2010. ISSN 0378-7788. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378778810000034>>.

De Vecchi, R. et al. ASHRAE 55 adaptive model application in hot and humid climates: The Brazilian case. **Architectural Science Review**, v. 58, n. 1, p. 93–101, 2015.

DEAR, R. de; BRAGER, G. S.; COOPER, D. Developing an adaptive model of thermal comfort and preference. Final report. **“Results of Cooperative Research between the American Society of Heating, Refrigerating and Air Conditioning Engineers, Inc., and Macquarie Research, Ltd.”**, v. 104, n. March, p. 1–18, 1997. ISSN 00012505. Disponível em: <http://repositories.cdlib.org/cedr/cbe/ieq/deDear1998{_}ThermComp>.

DOE. **EnergyPlus 8.1**. U.S. Department of Energy, 2015. Disponível em: <<https://github.com/NREL/EnergyPlusRelease/releases>>.

DOE. **EnergyPlus 8.9**. U.S. Department of Energy, 2018. Disponível em: <<https://energyplus.net/>>.

EISENHOWER, B. et al. A methodology for meta-model based optimization in building energy models. **Energy and Buildings**, Elsevier, v. 47, p. 292–301, apr 2012. ISSN 0378-7788. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378778811005962>>.

ELHARIDI, A.; TUOHY, P.; TEAMAH, M. The energy and indoor environmental performance of Egyptian offices: Parameter analysis and future policy. **Energy and Buildings**, v. 158, p. 431–452, 2018.

FANGER, P. O. **Thermal Comfort: Analysis and applications in Environmental Engineering**. [S.l.]: McGraw-Hill Book Company, 1970.

FEUSTEL, H. E.; RAYNER-HOOSON, A. **COMIS Fundamentals**. [S.l.]: Lawrence Berkeley Laboratory, 1990.

FLOURENTZOU, F.; Van der Maas, J.; ROULET, C.-A. Natural ventilation for passive cooling: measurement of discharge coefficients. **Energy and Buildings**, Elsevier, v. 27, n. 3, p. 283–292, jun 1998. ISSN 0378-7788. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378778897000431>>.

FREIRE, R. Z.; ABADIE, M. O.; MENDES, N. On the improvement of natural ventilation models. **Energy and Buildings**, Elsevier, v. 62, p. 222–229, jul 2013. ISSN 0378-7788. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378778813001497>>.

HEISELBERG, P.; SVIDT, K.; NIELSEN, P. V. Characteristics of airflow from open windows. **Building and Environment**, Pergamon, v. 36, n. 7, p. 859–869, aug 2001. ISSN 0360-1323. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0360132301000129>>.

HERMAN, J.; USHER, W. SALib: An open-source Python library for Sensitivity Analysis. **The Journal of Open Source Software**, The Open Journal, v. 2, n. 9, jan 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.21105/joss.00097>>.

IEA. **The Future of Cooling**. [S.l.], 2018.

INI-C. **Proposta de método para a avaliação da eficiência energética com base em energia primária de edificações comerciais , de serviços e públicas Núcleo Comercial**. Florianópolis: CB3E, 2017. Disponível em: <<http://cb3e.ufsc.br/etiquetagem/desenvolvimento/atividades-2012-2016/trabalho-1/pesquisas>>.

IQBAL, A. et al. Discharge coefficient of centre-pivot roof windows. **Building and Environment**, Pergamon, v. 92, p. 635–643, oct 2015. ISSN 0360-1323. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0360132315002553>>.

KRZACZEK, M.; FLORCZUK, J.; TEJCHMAN, J. Field investigations of stack ventilation in a residential building with multiple chimneys and tilted window in cold climate. **Energy and Buildings**, Elsevier, v. 103, p. 48–61, sep 2015. ISSN 0378-7788. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378778815300633>>.

MELO, A. et al. Development and analysis of a metamodel to represent the thermal behavior of naturally ventilated and artificially air-conditioned residential buildings. **Energy and Buildings**, Elsevier, v. 112, p. 209–221, jan 2016. ISSN 0378-7788. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378778815304588?via=IIS>>.

NEVES, L.; MELO, A.; RODRIGUES, L. Energy performance of mixed-mode office buildings: Assessing typical construction design practices. **Journal of Cleaner Production**, Elsevier, v. 234, p. 451–466, oct 2019. ISSN 0959-6526. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0959652619321778?via=IIS>>.

OMRANI, S. et al. Natural ventilation in multi-storey buildings: Design process and review of evaluation tools. **Building and Environment**, Pergamon, v. 116, p. 182–194, may 2017. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0360132317300720?via=IIS>>.

ØSTERGÅRD, T.; JENSEN, R. L.; MAAGAARD, S. E. A comparison of six metamodeling techniques applied to building performance simulations. **Applied Energy**, Elsevier, v. 211, p. 89–103, feb 2018. ISSN 0306-2619. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0306261917315489>>.

PEREIRA, F. A.; NEVES, L. O. DESENVOLVIMENTO DE UM BANCO DE DADOS CONTENDO ESTRATÉGIAS DE PROJETO DE EDIFÍCIOS DE ESCRITÓRIOS DE MODO MISTO. In: **ENTAC**. [S.l.: s.n.], 2018.

PESIC, N.; CALZADA, J. R.; ALCOJOR, A. M. Natural ventilation potential of the Mediterranean coastal region of Catalonia. **Energy and Buildings**, Elsevier, v. 169, p. 236–244, jun 2018. ISSN 0378-7788. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378778817340513>>.

PICCO, M.; LOLLINI, R.; MARENGO, M. Towards energy performance evaluation in early stage building design: A simplification methodology for commercial building models. **Energy and Buildings**, Elsevier B.V., v. 76, p. 497–505, 2014. ISSN 03787788. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.enbuild.2014.03.016>>.

Python. Python Software Foundation, 2018. Disponível em: <<https://www.python.org/>>.

RACKES, A.; MELO, A. P.; LAMBERTS, R. Naturally comfortable and sustainable: Informed design guidance and performance labeling for passive commercial buildings in hot climates. **Applied Energy**, Elsevier, v. 174, p. 256–274, jul 2016. ISSN 0306-2619. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0306261916305426>>.

ROETZEL, A.; TSANGRASSOULIS, A.; DIETRICH, U. Impact of building design and occupancy on office comfort and energy performance in different climates. **Building and Environment**, Pergamon, v. 71, p. 165–175, jan 2014. ISSN 0360-1323. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0360132313002862>>.

SALTELLI, A. et al. **SENSITIVITY ANALYSIS IN PRACTICE - A GUIDE TO ASSESSING SCIENTIFIC MODELS**. Chichester, Inglaterra: John Wiley & Sons Ltd, 2004.

SAMANI, P. et al. Comparison of passive cooling techniques in improving thermal comfort of occupants of a pre-fabricated building. **Energy and Buildings**, Elsevier, v. 120, p. 30–44, may 2016. ISSN 0378-7788. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378778816302110>>.

SOBOL', I. M. Sensitivity estimates for nonlinear mathematical models and their Monte Carlo estimation. **Math. Model. Comput. Exp.**, v. 1, n. 4, p. 407–417, 1993.

SWAMI, M. V.; CHANDRA, S. Correlations for pressure distribution on buildings and calculation of natural-ventilation airflow. In: **ASHRAE Transactions**. [S.l.: s.n.], 1988. v. 94, n. 1, p. 243–266. ISSN 0001-2505.

TIAN, W. A review of sensitivity analysis methods in building energy analysis. **Renewable and Sustainable Energy Reviews**, Pergamon, v. 20, p. 411–419, apr 2013. ISSN 1364-0321. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1364032112007101>>.

TPU, T. P. U. **Wind Pressure Database**. 2018. Disponível em: <<http://wind.arch.t-kougei.ac.jp/system/eng/contents/code/tpu>>.

VERSAGE, R. **Metamodelo para estimar a carga térmica de edificações condicionadas artificialmente**. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

WALTON, G. N. AIRNET - a computer program for building airflow network modeling. **National Bureau of Standards**, NISTIR 89-, 1989.

YAO, R. et al. Assessing the natural ventilation cooling potential of office buildings in different climate zones in China. **Renewable Energy**, Pergamon, v. 34, n. 12, p. 2697–2705, dec 2009. ISSN 0960-1481. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0960148109002341>>.

YUN, G. Y.; STEEMERS, K.; BAKER, N. Natural ventilation in practice: Linking facade design, thermal performance, occupant perception and control. **Building Research and Information**, v. 36, n. 6, p. 608–624, 2008. ISSN 09613218.

ZHAO, H.-X.; MAGOULÈS, F. A review on the prediction of building energy consumption. **Renewable and Sustainable Energy Reviews**, v. 16, n. 6, p. 3586–3592, 2012.